

# Ministério

Uma revista para pastores e obreiros

Março-Abril de 2000

**Características  
do verdadeiro  
culto**



# Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Março-Abril de 2000

## A R T I G O S

### 11 O ANO 2000 E O MILÊNIO

*Uma análise das teorias milenialistas.*

### 14 ESTRATÉGIA PARA DISCIPULAR

*Fazer discípulos requer contato pessoal, como demonstra o exemplo de Jesus.*

### 17 TORMENTO OU ANIQUILAMENTO ETERNO?

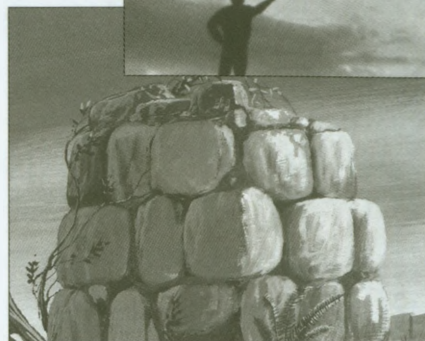
*Os problemas do ensinamento sobre um inferno que arde para sempre.*

### 20 UM MODELO DE CULTO

*O desenvolvimento da liturgia nas Escrituras.*

### 28 ELITE DE FIÉIS

*O homem é um instrumento de reivindicação do caráter de Deus.*



## S E C Õ E S

### 3 EDITORIAL

### 4 ENTREVISTA

### 7 AFAM

### 9 PONTO DE VISTA

### 21 IDÉIAS

### 30 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

### 31 LIVROS

Ano 71 - Número 02 - Mar./Abr. 2000  
Periódico Bimestral

**Editor:** Zinaldo A. Santos

**Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos

**Editor de Arte:** Wilson Almeida

**Programador Visual:** Jobson Santos

**Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana;

**Colaboradores:** Helder Roger C. Silva; Ivanaudo B. Oliveira;

José S. Ferreira; Mário Valente; Montano Barros Neto

**Capa:** Montagem sobre fotos de Erlo e Daniel

**Diretor Geral:** Wilson Sarli

**Diretor Financeiro:** Ednor Max Gruber

**Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa

Visite o nosso site: <http://www.cpb.com.br>

Serviço de Atendimento Direto: [saa@cpb.com.br](mailto:saa@cpb.com.br)

Redação: [redacao@cpb.com.br](mailto:redacao@cpb.com.br)

Ministério na Internet: [www.mensagem.com/ministerio](http://www.mensagem.com/ministerio)

Tiragem: 4.300 exemplares

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem prévia autorização escrita do autor e do editor, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600; CEP 70279-970, Brasília, DF



**CASA PUBLICADORA BRASILEIRA**  
**EDITORA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA**

Rodovia SP 127 - km 106 - Caixa Postal 34, 18270-000 Tatuí, SP



Divulgação

# Facetas da adoração

“**E**os quatro seres viventes, tendo cada um deles, respectivamente, seis asas, estão cheios de olhos, ao redor e por dentro; não têm descanso, nem de dia nem de noite, proclamando: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-poderoso, Aquele que era, que é e que há de vir. Quando esses seres viventes derem glória, honra e ações de graças ao que Se encontra sentado no trono, ao que vive pelo séculos dos séculos, os vinte e quatro anciãos prostrar-se-ão diante dAquele que Se encontra sentado no trono, adorarão O que vive pelos séculos dos séculos...” (Apoc. 4:8-10).

Tal explosão de louvor, por parte dos seres celestiais, diz muito quanto ao nosso dever de adorar a Deus. Com efeito, a Bíblia nos convida a isso. Salmos 95:6; 96:9 e Apoc. 14:7 são apenas algumas das passagens que nos induzem à adoração.

Os lexicólogos definem adoração como “a ação de reverenciar um ser com a máxima honra, considerando-O como ente divino; reverenciar e honrar a Deus com o culto religioso que Lhe é devido”. Em outras palavras, adoração é um ato no qual tomam parte uma pessoa que a oferece e outra que a recebe. É o homem quem reverencia a Deus, mediante a cerimônia religiosa que só Ele merece; não se tratando apenas de um ritual, nem formalismo, mas de uma experiência vital.

De acordo com V. C. Campbell, “a adoração é o coração da vida e a obra de uma igreja; constitui o principal recurso e a inspiração sob a qual se projeta todo o seu programa. Nela, Deus Se torna real e os valores do Seu reino passam a ser supremos. Por conseguinte, a qualidade da adoração influirá, mais que qualquer outra coisa, sobre o desenvolvimento e o ambiente espiritual da igreja”. Por sua vez, W. T. Conner acrescenta que “a primeira ocupação da Igreja não é a evangelização, nem as missões, nem a beneficência; é a adoração”.

Podemos pensar na adoração como relacionamento. Por seu intermédio a alma se vincula com o Criador, servindo de nexo comunitário entre Ele e a criatura e unindo com laços estreitos o finito com o infinito. A verdadeira adoração também é reconhecimento. Através dela obtém-se um conceito correto do que é e representa Deus. Assim Ele é reverenciado e venerado em alto grau por Sua santidade, dignidade, majestade e Seu poder. É exaltado,

honrado e enaltecido por ser “o Alto, o Sublime que habita a eternidade, O qual tem o nome de Santo” (Isa. 57:15). Desse modo, adquirimos a clara compreensão joanina de que Ele é digno de “receber a glória, a honra e o poder”, porque criou “todas as coisas”, que por Sua vontade “vieram a existir e foram criadas” (Apoc. 4:11).

Adoração é ainda companheirismo, no sentido de comunhão amistosa que se realiza com Deus, em nome de Seu Filho Jesus Cristo, e mediante o poder e a obra do Espírito Santo no coração. Tiago Crane afirma que “a adoração cristã é essencialmente a comunhão da alma redimida com Deus, em Cristo. É a resposta sensível e inteligente que essa alma dá à revelação que o Pai faz no Filho por meio do Espírito Santo”. Esse companheirismo implica lealdade, devoção, amor e fervor religioso manifestos pronta e espontaneamente. É uma combinação de respeito e amor. Deus como Criador, inspira respeito. Deus como Companheiro, inspira amor. É assim que O adoramos em espírito e em verdade.

Finalmente, a verdadeira adoração é serviço. Seu propósito principal não é apenas tornar o homem receptor das bênçãos de Deus, mas levá-lo a prestar tributo a Ele. “Tributai ao Senhor a glória...” (Sal. 96:8). O homem deve oferecer seus dons ao Criador com fé sincera e total obediência. O pastor e sua congregação devem oferecer “sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo” (I Ped. 2:5). Por isso, oferecemos-Lhe nossa vida, incluindo nosso intelecto, nossos sentimentos, atitudes e posses. A expressão mais elevada do serviço como adoração é a entrega do próprio ser, a apresentação do nosso corpo “por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus...” (Rom. 12:1).

A verdadeira adoração não está completa com a entrega da nossa vida ao Senhor, visto que há uma dedicação ao serviço do semelhante. A congregação que adora devidamente torna-se uma rede lançada ao grande mar da humanidade. Seus resultados se revelam nos membros da igreja, com toda a clareza, em seu relacionamento mútuo e com o mundo. Como afirmou Tiago Black, “a igreja que adora deve ser a igreja que trabalha. O culto só se aperfeiçoa pelo trabalho”. – Zinaldo A. Santos

# Heróina quase anônima

ZINALDO A. SANTOS

Elas desempenham um papel fundamental na vida dos respectivos esposos. A maneira de trabalhar varia de acordo com a personalidade e os dons recebidos. Algumas são mais notadas, outras nem tanto. Todas, porém, são leais e eficientes companheiras, responsáveis por uma parcela significativamente grande do êxito do marido. Geralmente, eles recebem todo o crédito, mas elas também se destacam como conselheiras, evangelistas, mulheres de oração, missionárias no maior campo – o lar. Encarnam com perfeição o repetido adágio segundo o qual “por trás de um grande homem, há sempre uma grande mulher”.

Merecem, realmente, maior reconhecimento. Indiferentes a isso, no entanto, continuam diligentes, fiéis à vocação para a qual foram também chamadas por Deus, certas de que o prêmio mais significativo será recebido das mãos do seu Senhor e Mestre. Para ouvir um pouco mais a respeito das esposas de pastores, suas lutas, expectativas e missão, *Ministério* entrevistou, em Foz de Iguaçu, a Sra. Sharom Cress, líder mundial da Área Feminina da Associação Ministerial, Afam.

A seguir, os principais trechos da entrevista:

**Ministério:** *Como e por que se originou a Afam?*

**Sharom Cress:** Em 1940, algumas esposas de pastores começaram a escrever artigos sobre o seu papel na Igreja. E durante uns 40 anos elas continuaram a fazê-lo, até que, em 1980, a liderança da Igreja decidiu por oficializar uma agremiação

para atender as necessidades das esposas de pastores. Mary Spangler, esposa do Pastor Robert Spangler, foi a primeira coordenadora mundial da Afam, dando expediente no escritório da Associação Geral por meio período. Ela foi substituída após o esposo cumprir seu mandato de secretário ministerial, por Ellen Brezee, esposa do Pastor Floyd Brezee, e desta vez o período de trabalho era integral. Hoje, a Afam é um serviço cada vez mais reconhecido pela Igreja.

**Ministério:** *E quanto aos principais objetivos da Afam?*

**Sharom Cress:** A Afam tem como propósitos fundamentais nutrir a esposa do pastor, ajudá-la a entender os valores da Igreja e a desempenhar com eficiência a sua função no contexto ministerial. As esposas dos pastores são o maior grupo de obreiras voluntárias que a Igreja possui, dando o maior número de horas voluntárias para o trabalho de Deus.

**Ministério:** *Qual a relação entre Afam e Ministério da Mulher?*

**Sharom Cress:** Os dois setores servem a dois grupos diferentes de mulheres. Na verdade, atualmente, existem três grupos diferentes de mulheres na Igreja: as capelãs, que são atendidas pela Associação Ministerial, as mulheres obreiras voluntárias, que recebem assistência do Ministério da Mulher, e as esposas de pastores, administradores, departamentais, seminaristas, professores de teologia, viúvas e jubiladas, que são atendidas pela Afam. Funcionalmente, são serviços que não estão interligados, em virtude das diferentes áreas de atuação.



Sharom Cress

**Ministério:** *O que significa, para a senhora, ser esposa de pastor?*

**Sharom Cress:** Provavelmente, cada mulher pode ter sentimentos diferentes a esse respeito; mas acho um privilégio elevado poder estar envolvida na causa de Deus. Se Ele chama o esposo, logicamente esse chamado é extensivo à esposa. Então, o Senhor tem um lugar especial para a esposa do pastor em Sua obra. É verdade que existem algumas dificuldades que, em certos lugares e devido a certas circunstâncias, impedem o desempenho mais amplo desse ministério por parte das esposas. Estou pensando naquelas que necessitam trabalhar fora de casa, em virtude das necessidades de sobrevivência. Mas também essas irmãs fazem o melhor que podem e devem sentir-se felizes com seu papel.

**Ministério:** *Quais são, a seu ver, os maiores desafios que a esposa do pastor enfrenta atualmente?*

**Sharom Cress:** Eu creio que o grande desafio é a expectativa do Campo e da congregação. Todos esperam muito da esposa do pastor, mesmo que ela não seja obreira de tempo integral. Mas acredito que ela deve levar sempre em conta, primeiramente, o que Deus espera dela. O Senhor dotou cada esposa de pastor com talentos, e ela pode usar esses dons para ajudar no crescimento da Igreja. Não precisa ficar abatida com a avaliação dos homens. Mas estar consciente das habilidades que lhe foram dadas por Deus, usá-las, e estar em paz com Ele.

**Ministério:** *Nota-se que a maioria das palestras e literatura direcionadas à esposa*

do pastor trata de auto-estima. Baixa auto-estima é uma característica desse grupo?

**Sharom Cress:** A expectativa em relação à esposa do pastor e à mulher adventista em geral pode causar baixa auto-estima. Se a Igreja espera, e até insiste, que eu tenha de ser, por exemplo, uma grande oradora, e eu não tenho esse dom, certamente vou começar a pensar: existe algo errado comigo; quando, na realidade trata-se de um dom que eu não recebi. E Deus pode não dar todos os dons a uma pessoa. Talvez Ele me tenha habilitado a cuidar de crianças ou atuar na área da música, mas as pessoas querem que eu faça evangelismo público. Assim pressionada, acabo questionando o que sou, ou não sou, o que sei, ou não sei. E a auto-estima pode decrescer.

**Ministério:** *Deve a esposa de pastor ser oficial da igreja?*

**Sharom Cress:** Algumas congregações são abertas para o fato de que a esposa de pastor deve ter uma atuação mais presente. Outras não pensam dessa maneira. E também depende da esposa do pastor. Sente-se bem nessa posição? Acha que deve ocupar funções só porque é esposa do pastor? Mas também não é justo excluí-la só porque ela é esposa do pastor. Essa é uma linha tênue que deve ser administrada com sabedoria espiritual, bom senso, e até de acordo o contexto no qual se vive.

**Ministério:** *Em algumas regiões, parece difícil as pessoas aceitarem que a esposa do pastor trabalhe fora. De que maneira ela deve administrar essa situação?*

**Sharom Cress:** A Sra. Ellen White diz que a esposa do pastor, trabalhando lado a lado com seu esposo, deve receber um salário: "Estas mulheres dão tempo integral, e nada recebem por seu trabalho, devido a que seus esposos recebem salário. Tal decisão deve ser revista. A Palavra do Senhor diz que 'digno é o obreiro do seu salário'. Enquanto nenhuma decisão for tomada, protesto, em nome do Senhor. ... Sei que essas fiéis mulheres devem receber salário proporcional ao que recebem os ministros. Elas carregem o peso das almas, e não devem ser tratadas injustamente" (*Manuscrito*, 5:29). Note que ela não diz que isso talvez devesse ser feito, mas é muito definida. Se alguém não lhe paga por trabalhar ao lado do marido, não tem o direito de criticá-la por trabalhar fora, numa ocupação honrosa. Evidentemente, estou pensando num trabalho cristão, que a edifique e através do qual possa edificar outras pessoas também.

**Ministério:** *Que investimentos têm sido feitos no sentido de crescimento intelectual da esposa do pastor?*

**Sharom Cress:** É óbvio que temos de valorizar mais a esposa do pastor, em todos os sentidos, e isso requer mais realizações práticas. Damos-lhe pouco ou nenhum treinamento especial e, de repente, esperamos tudo dela, como se ela fosse obrigada a ser especialista em tudo. Gostei da palavra que você usou: "investimento". Porque existem muitas coisas nas quais gastamos dinheiro, mas isso não representa um investimento. Quando empregamos dinheiro em favor da esposa do pastor, podemos estar certos, como Igreja, de que estamos fazendo um investimento cujos frutos serão colhidos cedo ou tarde. Haverá mais batismos, crescimento financeiro, crentes mais fortes e bem nutridos espiritualmente, etc. Enfim, é um investimento com retorno seguro.

**Ministério:** *Às vezes, um momento crítico para a esposa de um pastor, e outros membros da família, é a ocasião de uma transferência. Deveria ela ser ouvida nesse processo?*

**Sharom Cress:** Obviamente, em toda família, alguém deve dar a última palavra, tomar iniciativa em alguma coisa. Eu acho que esposa e marido devem conversar, orar, e decidir a prioridade. Depois disso, devem partilhar os sentimentos e preocupações, se houver, com os líderes do Campo. Se forem pertinentes, é uma questão de bondade e amor cristãos levá-los em conta. Muitas vezes há questões complicadas, relacionadas com o trabalho da esposa ou educação dos filhos. Certamente é melhor considerar a questão dos filhos e a possibilidade de receberem uma educação cristã, do que adultos que não tenham esse problema. De uma coisa, porém, não devemos nos esquecer: Deus está no controle de tudo. Ele dirige a Obra, guia e orienta nas decisões que precisamos tomar, estar conosco em qualquer lugar, em qualquer função. Não precisamos temer nada. O que devemos fazer é estar em comunhão com Ele a fim de que saibamos discernir a Sua vontade para a nossa vida.

**Ministério:** *Como a senhora avalia a participação feminina na missão da Igreja?*

**Sharom Cress:** As mulheres estão muito ativas, na maior parte do mundo. Eu não vejo discriminação quanto ao envolvimento da esposa do pastor, como talvez houvesse cinqüenta anos atrás. As coisas mudaram. Sempre que se fala da situação da esposa do pastor, eu me lembro de que

Ellen White foi esposa de pastor especialmente dotada por Deus, muito envolvida na Causa. Comparando a visão cultural do seu tempo com a dos dias atuais, ela é o maior exemplo de que cada esposa de pastor pode fazer muito pela missão da Igreja. As portas estão abertas, e muitas estão aproveitando da melhor maneira imaginável. A Igreja Adventista é muito privilegiada pela qualidade de seu contingente feminino. Eu não tinha visto isso até cinco anos atrás, quando observava a pequena área ao meu redor. Posteriormente, vi, no âmbito mundial, o excelente trabalho das mulheres esposas de pastores, e estou certa de que esta é a Igreja remanescente de Deus. Eu não vejo como a Igreja pode recompensar devidamente a esposa do pastor. Só mesmo na eternidade isso acontecerá.

**Ministério:** *Como podem a igreja local, o esposo pastor e a igreja institucional ajudar a esposa de pastor a sentir-se afirmada, feliz e realizada em seu papel?*

**Sharom Cress:** Eu acho que uma das maneiras é justamente o que faz a Divisão Sul-Americana, ao realizar concílios com a presença das esposas, convidando pessoas capazes de nutri-las bem e orientá-las. Nessas ocasiões, elas podem compartilhar idéias, entender os problemas e as soluções. Isso é uma base para melhor servi-las. A igreja local pode aceitá-la como conselheira e amiga, entendê-la, respeitá-la e amá-la como pessoa. Do esposo pastor, é suficiente dizer que ele deve amá-la "como Cristo amou a Igreja e a Si mesmo Se entregou por ela". Isso envolve tudo o que ele deve fazer.

**Ministério:** *Qual sua visão sobre a ordenação de mulheres ao ministério pastoral?*

**Sharom Cress:** Pessoalmente, eu gostaria de ver a mulher sendo mais reconhecida no contexto ministerial. Antes de eu chegar à Associação Geral como coordenadora da Afam, eu trabalhava na igreja e para a igreja, normalmente. Antes e agora, a ordenação não iria, como não vai, fazer a menor diferença no meu envolvimento. Vou continuar trabalhando tão duro como sempre o fiz. Estou ciente de que Deus sabe das minhas intenções, meus propósitos, vê o meu trabalho, e a Ele compete dar o reconhecimento. Acho que as esposas de pastores em geral sentem o mesmo. Continuarão trabalhando dedicadamente, porque sentiram o chamado de Deus, independente de serem ordenadas ou não. O mais gratificante, para mim, é saber que o fato de não ser ordenada ao ministério, ja-

mais desencorajou qualquer esposa de pastor, na realização do seu trabalho. Espero que a Igreja nunca seja desencorajada na certeza de que pode contar com a esposa do pastor adventista, qualquer que seja a situação em que ela seja colocada.

**Ministério:** *Que conselhos daria a uma esposa de pastor que porventura esteja sendo alvo de críticas?*

**Sharom Cress:** Não importa o que Jesus fazia, sempre havia alguém criticando. Eu até acredito que muitos membros da igreja valorizam merecidamente a esposa do pastor. Mas há sempre aqueles indivíduos que criticam todas as coisas. Se a esposa do pastor é atuante, dizem que está se expondo demais e querendo mandar no marido. Se é discreta, dizem que é incapaz. Se se veste com simplicidade, dizem que é desleixada. Se cuida bem da aparência, é vaidosa. É uma situação realmente difícil. Felizmente, os que lhe dão apoio como pessoa e como serva de Deus são em número bem maior do que os críticos. É muito bom para a esposa do pastor encontrar alguém que as valorize. Mas acho que ela deve enfrentar a crítica, primeiramente, olhando para Jesus, cujo exemplo citei há pouco. Ele é nosso modelo em tudo, e temos mesmo de segui-Lo por onde quer que vá. Pode também contar com o apoio do esposo, seu maior confidente na Terra. Ele saberá ouvir, entender e fortalecer. Certamente deve haver ainda uma amiga, esposa de pastor, com quem pode orar e conversar. Esteja certa de que a crítica nunca vai acabar aqui na Terra, mas é possível enfrentá-la com calma e sem desanimar.

**Ministério:** *Quais são, a seu ver, as maiores ameaças à família do pastor?*

**Sharom Cress:** Eu acho que uma das maiores ameaças é de cunho financeiro. Veja bem, o pastor vive 24 horas por dia tratando com pessoas e seus respectivos problemas. A maioria dos profissionais que têm esse tipo de trabalho, é composta de médicos, psiquiatras, homens de negócios, etc. E a recompensa financeira destes indivíduos é muito alta; eles ganham muito dinheiro. Suas famílias se sentem materialmente bem, a esposa não precisa trabalhar fora para ajudar no orçamento doméstico, algumas têm empregados à disposição dentro da própria casa, podem comprar o que quiserem. O inimigo pode fazer uso dessa situação, levando a esposa do pastor a fazer comparações impróprias. Seu marido trabalha sem horário fixo, envolve-se com problemas de outras pessoas, às vezes

com sacrifício de tempo que deveria ser dedicado à família, e a recompensa financeira é insuficiente para atender de maneira adequada a todas as necessidades familiares. Se não houver um senso de chamado e vocação muito forte, se não houver um sagrado senso de missão, convicção do chamado divino e compromisso com Deus, sem dúvida, haverá dificuldades nesse ponto.

**Ministério:** *A senhora então identifica a questão financeira como a única grande ameaça à família do pastor?*

**Sharom Cress:** Não é a única, mas pode ser a raiz de todos os outros que surgem. Por exemplo, nesse contexto, esposa e esposo se dividem em preocupações diferentes. O esposo tem a convicção do chamado de Deus, mas a esposa questiona as recompensas do envolvimento dele. Cansada de estar em casa supostamente sentindo necessidade, vai procurar trabalho. Os interesses tornam-se diferentes, até que um dia um olha para o outro e pergunta: onde está a felicidade nisso tudo? Se tal situação ocorrer entre qualquer família na congregação, é muito triste. Na família do pastor é trágico, pois afeta o restante da igreja.

**Ministério:** *Que sugestões a senhora daria a um pastor, no sentido de estabelecer um programa de trabalho que não produza carências na família?*

**Sharom Cress:** Dar a cada coisa sua devida prioridade. E penso que a família é prioridade, especialmente se o pastor tem filhos pequenos. Quando eles estão crescendo, em idade escolar e até freqüentam um internato, o pastor pode se dedicar um pouco mais ao evangelismo, sem, todavia, jamais esquecer-los. Aqui, novamente lembro que a liderança do Campo deve ser mais sensível à situação do pastor. Cidades, vilas e povoados precisam ser evangelizados, templos precisam ser construídos. São grandes projetos, para os quais, quem sabe, poderiam ser indicados homens que não tenham filhos pequenos. O próprio pastor precisa ser instruído a programar suas atividades de tal maneira que tenha tempo específico para estar com a esposa e os filhos. O mínimo que se pode esperar de um pastor é organização de suas atividades. Imprevistos podem acontecer, mas são imprevistos. A família saberá compreender, desde que o pastor seja rotineiro em dar-lhe a devida atenção.

**Ministério:** *O que a senhora julga mais importante no programa de atividades pastorais?*

**Sharom Cress:** Nada deve estar acima do relacionamento com Deus. Muitos pastores têm grande dificuldade em encontrar tempo para essa tarefa indispensável, que define o êxito ou o fracasso profissional, familiar e pessoal. As ferramentas do pastor são a Bíblia e a oração. Devemos encorajar o pastor a ter seu momento devocional particular. Em segundo lugar, está a família, sobre a qual Ellen White diz ser o primeiro campo missionário. E é bom lembrar que a colocação da família como prioridade não justifica a falta de atendimento a outras áreas do trabalho pastoral. Deve haver tempo separado para cada coisa. O pastor deve trabalhar com denodo, sem esquecer de dar atenção à família, alguns momentos por dia, um dia por semana e durante as férias. Estando bem relacionado com Deus e a família, ele estará em excelentes condições para cuidar dos outros setores do seu trabalho.

**Ministério:** *Qual o perfil da esposa de pastor ideal?*

**Sharom Cress:** Em primeiro lugar, não existe uma esposa de pastor perfeita porque também não existem pessoas perfeitas. Mas cada uma deve estabelecer um ideal que pretende alcançar. Cada personalidade é diferente e, em conseqüência, cada esposa será diferente, sem que isso signifique que seja má. O ideal é que esteja sempre ligada a Deus, em comunhão com Ele, feliz com sua vocação e seu chamado, sentindo-se realizada em cumprir a missão que Deus lhe confiou. Se a esposa do pastor sente que está no lugar certo, cumprindo a vontade de Deus, usada por Ele apesar de suas limitações humanas, essa é a esposa ideal.

**Ministério:** *Uma última mensagem às esposas de pastores brasileiros.*

**Sharom Cress:** Mantenham a comunhão com Deus, porque isso é a base de tudo o que realmente tem valor na vida. Desde o início de minha vida pastoral ao lado do meu esposo [Pastor James Cress], trabalhei com pessoas maravilhosas, esposas de pastores mas experientes que me ajudaram muito a crescer. Também trabalhei com administradores aos quais gostaria de ter dado sumiço. Tudo foi válido; mesmo porque aprendi que a única coisa que realmente importa é o relacionamento com Deus, independente do que pensem ou digam as pessoas a nosso respeito. Saber que Deus nos ama e nos aceita como filhas, é tudo o que necessitamos para viver saudavelmente tranquilas e ser felizes. ☆

# Preservando a família pastoral

JOSÉ CARLOS EBLING

*Ph.D. em Educação e aconselhamento, professor no Instituto Adventista de Ensino, Engenheiro Coelho, SP*



**E**m nossa experiência como conselheiro matrimonial, dirigindo muitos “encontros de casais” por todo o Brasil, temos conversado com muitos pastores e suas respectivas esposas, sobre os problemas do matrimônio pastoral. Como defini-los? Como encará-los e resolvê-los? Pode não ser fácil mas é possível.

Alguns pastores continuam pensando que eles e suas famílias estão acima dos problemas que afligem os outros mortais. Precisamos abandonar tal absurdo e encarar a vida como fazem as demais pessoas. Os problemas e conflitos surgem ao examinarmos e considerarmos o desempenho dos diferentes papéis atribuídos a cada um de nós, no lar, na igreja e na sociedade.

Ao formar-se, o pastor aparentemente sabe quais os papéis que deve desempenhar, e procura fazê-lo da melhor maneira possível. Entretanto, ao seu lado está sua esposa que, embora esteja disposta a atuar e desempenhar suas funções da melhor maneira possível, nem sempre sabe exatamente os papéis que deve executar nos diferentes setores onde atua, tais como o lar, a igreja e a sociedade.

Sob intensa pressão e grandes expectativas vindas da sociedade, dos membros da igreja e, muitas vezes, do próprio marido, que também vive sob pressão, ela procura fazer o seu melhor. Entretanto, nem sempre consegue agradar a todos ou a si mesma. E assim, devido a falsas ou errôneas expectativas, surgem os problemas do matrimônio.

## Mulher primeiro

Segundo o Dr. Charles E. Wittschiebe,

professor jubilado da Universidade Andrews, nos Estados Unidos, a esposa do pastor deveria ser, em primeiro lugar, mulher. Depois, esposa de pastor. Ele explica sua opinião, dizendo que uma jovem mulher, com freqüência, tem em mente um quadro de que uma esposa de pastor deve ser um tipo mitológico, uma imagem quase artificial. Se ela se esforça e trabalha duro para se tornar esse modelo de mulher, pode perder um pouco da sua própria humanidade, sua naturalidade e espontaneidade.

Então, ela deveria ser, em primeiro lugar, ela mesma, no amor de Deus e com seu marido, expressando esse amor de maneira calorosa e com intensidade emocional. Conseqüentemente, seria fácil para ela adquirir ou desenvolver as amorosas qualidades de uma esposa de pastor, no relacionamento com as pessoas.

Se um pastor vai à sua esposa, enquanto ela está junto à pia da cozinha, e a acaricia, ele não lhe diz algo como: “Oh, eu estou tão feliz por estar com a minha obreira predileta e favorita!” Ou: “Oh, estou tão feliz por estar com a minha ovelha!” Ele a acaricia, como um homem acaricia uma mulher, fazendo-a sentir-se desejada. Ela até pode dizer: “Oh, pare com isso.” Mas no fundo não é isso o que realmente quer dizer.

É essencial manter viva a qualidade de relacionamento romântico entre o homem e a mulher.

Para os familiares de um pastor existe uma forte pressão oriunda das expectativas por um comportamento correto e perfeito. A pessoa necessita desempenhar um

papel de maneira correta, e isso interfere na vida amorosa do "matrimônio pastoral". É uma visão tão limitada, que caracteriza a experiência conjugal do pastor e sua esposa como sendo um relacionamento sem nenhum calor, nenhuma intimidade, nenhuma paixão, nenhuma vitalidade, nenhuma alegria.

É muito bom namorar e "paquerar" o cônjuge. Não apenas é bom, mas é necessário. Chego a essa conclusão lendo, na Bíblia, os Cânticos de Salomão. Seria bom que o casal lesse junto esse texto bíblico romântico e enriquecesse seu relacionamento amoroso.

### Viúvas da igreja

Em nosso trabalho de aconselhamento, temos encontrado mulheres cujos maridos pensam ser mais importante espalhar o evangelho do que dedicar algum tempo para atender às necessidades da esposa,

Se um indivíduo entrega-se todas as noites à execução de um projeto evangelístico, é visto como um "grande homem". Todos dizem: "É um obreiro fantástico, valente, precioso, maravilhoso." Mas o que dizemos quanto a sua dedicação à família? E pode haver casos em que o louvado obreiro usa essa atividade como uma válvula de escape para não estar em casa. Ele pode não ter muito prazer em estar ao lado da esposa, e encontra um pretexto para ausentar-se.

É muito difícil manter uma conversação sobre o tempo gasto com a família, quando o marido e pai está sempre dizendo: "estou salvando almas."

É difícil lutar contra Deus, por isso o homem é piedoso. O oposto também acontece às vezes e, por algum motivo, o relacionamento entre os dois torna-se insuportável.

Como podemos, no aconselhamento matrimonial, ajudar um casal a enfrentar e resolver tal situação? Inicialmente, devemos indicar que a religião está sendo usada, nesse caso, como uma cortina, um disfarce, uma fuga, como uma tática para rebaixar a outra pessoa. Devemos considerar as emoções que levam a esse tipo de ataque, abrir a infecção, drená-la. É necessário chegar à verdadeira razão pela qual um marido está agindo dessa maneira.

### Buscando solução

O que dizer sobre aconselhamento matrimonial para um pastor e sua esposa? Quando o casal reconhece que há um problema em seu "matrimônio pastoral", que não consegue resolver, o que deve fazer?

Em uma de suas entrevistas sobre esse assunto, o Dr. C. E. Wittschiebe fez uma declaração tão rele-

vante e significativa, que acredito ser a melhor resposta a essa indagação. Disse ele: "Nós fomos longe demais na opinião de que um pastor está acima dos outros homens, de que ele está acima dessa fraqueza humana, de que nisso também ele é um modelo e exemplo. Na verdade, ele

é um homem com fraquezas e falhas, e traz para o seu matrimônio pastoral todos os problemas de sua juventude."

Imaginemos um pastor que teve um relacionamento pobre com sua mãe, ou seu pai, e está confuso emocionalmente. Ele traz tudo isso para o seu matrimônio e não é capaz de expressar amor e/ou raiva como deveria. Imaginemos ainda que a esposa teve uma visão horrível sobre sexo, e ela traz tudo isso para o casamento. Eles certamente precisam de algum aconselhamento. Sem dúvida, o pastor se tornará um melhor salvador de outras pessoas, tendo primeiro restaurado o seu lar.

Não podemos nos enganar pensando que todos os lares pastorais estão em perfeita saúde emocional. Pastor e esposa são seres humanos, contra os quais o inimigo direciona também suas armas; às vezes, com mais contundência que em outros casos. Um homem pode ter a necessidade compulsiva de trabalhar intensamente para Deus e acabar esquecendo-se da família. Certamente conseguirá bons resultados em seu trabalho, mas a família sofrerá. A esposa vai se tornar ressentida porque isso toma todo o tempo do marido; fica aborrecida com as mulheres que o procuram. Seus filhos o aborrecem pelo fato de não terem quando desejam e precisam a presença e companhia de um pai. E a primeira conseqüência, após os primeiros 15 anos, é um lar estragado. Talvez a esposa até se envolva com outro homem. E tudo poderia ter sido evitado.

Necessitamos de mais conselheiros qualificados a quem nossos pastores e esposas possam recorrer. Lamentavelmente, até pouco tempo, víamos a palavra psicologia como tendo uma certa conotação negativa. Mas devemos nos lembrar de que a psicologia, como estudo da mente e das emoções, é algo muito bom em seu devido lugar. As Escrituras estão repletas de princípios psicológicos.

No momento, temos uma proposta que poderá ser muito útil e benéfica aos casais pastorais. É o aconselhamento por correspondência, absolutamente sigiloso. Na verdade, já estamos fazendo isso esporadicamente, sem divulgação; mas agora sentimos que devemos tentar ampliar essa prestação de serviço a todos os pastores, esposas, e demais obreiros. Caso tenha interesse, entre em contato com: Dr. José Carlos Ebling, Caixa Postal 11, CEP 13165-970, Engenheiro Coelho, SP. Ou Dr. Antônio Estrada Miranda, Caixa Postal 11, CEP 13165-970, Engenheiro Coelho, SP, e-mail: aestrada@iaec2.br ☆



manter o matrimônio. São as "viúvas da igreja". A esposa de pastor freqüentemente tende a ser uma viúva da igreja, e os filhos, os órfãos da igreja. Às vezes, os homens são ativos na Obra porque eles preferem fazer isso a estar em casa, o que lhes dá uma piedosa desculpa para ausentar-se.



# Contatos Perigosos

PHILIP HIROSHIMA

*Advogado em Sacramento,  
Califórnia, Estados Unidos*



Divulgação

Como advogado, tenho representado Igrejas em muitos casos que envolvem relacionamento sexual ilícito entre pastores e pessoas das suas congregações. Ao realizar esse trabalho, percebo que há uma similaridade nos fatos e nos modos de comportamento que se repetem nesses dolorosos processos. Quais são alguns dos fatores comuns e, especialmente, quais são as melhores soluções para evitar essas situações?

## O cenário típico

O pastor vive sempre muito ocupado na igreja e na comunidade. Enquanto isso, sua esposa também pode estar muito ocupada com suas necessidades, tais como estudo e cuidado dos filhos; ou problemas de doença na família ou consigo mesma. Qualquer que seja o caso, ela gasta menos tempo com seu esposo. Então, uma significativa distância emocional se estabelece entre os dois.

Em seu trabalho, o pastor encontra-se às vezes aconselhando uma irmã queixosa do respectivo esposo. Afirma não ser apreciada por este que, por sua vez, vive ocupadíssimo com seu trabalho, mostra-se dominador e manipulador, ou não partilha com ela das responsabilidades familiares. Ela deseja mais dele.

Na tentativa de ajudar a reconstruir a auto-estima de sua consulente, o pastor elogia seu sorriso, seu cabelo, ou algum outro atributo físico. Com a continuidade do aconselhamento, também acaba simpatizando com ela, e até opina no sentido de que o marido poderia ter notado o valor de sua esposa, merecedora de mais atenção e sensibilidade. Ela ouve tudo is-

so e se surpreende que o esposo não reconheça as qualidades que o pastor admira. E torna-se entusiasmada com o pastor, estimando sua simpatia e o reconhecimento de seus atributos.

Cada sessão termina com oração e também um abraço pastoral. Na sociedade ocidental, o abraço de um pastor é aceitável. Entretanto, em sessões de aconselhamento, esse gesto pode se tornar mais forte e afetivo. O abraço é, talvez, o contato físico mais aproximado, mantido publicamente por alguém com uma pessoa do sexo oposto.

Um pequeno toque, com um insignificante acento sexual, pode ser o começo, embora ainda possa ser visto como estando nos limites. Entretanto, isso pode avançar. Tenho discutido o assunto com pastores e, para minha surpresa, muitos acreditam que um toque sexual não chega a ser adultério. Esse tipo de pensamento logo culmina em visitas ao lar da consulente, ou ao encontro de ambos num outro lugar onde possam "discutir melhor suas preocupações". Podem até ir de carro a esse lugar, com o pastor desculpando-se de não poder conversar, por alguma razão, na sala pastoral da igreja. Aliás, nesses casos, não faltam justificativas para que pastor e consulente fiquem sozinhos.

Embora alguns pastores reconheçam a vulnerabilidade da angustiada paroquiana e possam propositada e premeditadamente tirar vantagem da situação, isso é raro. Geralmente, o pastor fica entusiasmado com o fato de alguém tão agradável como a consulente ser atraída a ele. E com frequência, não avalia o longo alcance das conseqüências de tal indiscrição.

Uma vez que se tornam envolvidos sentimentalmente, ambos, pastor e paroquiana, compreendem o erro do seu comportamento. Talvez tentem romper o envolvimento, embora a essa altura estejam mutuamente atraídos, e o relacionamento continua. É então que um ou outro, devido ao sentimento de culpa, acaba cometendo um deslize que denuncia involuntariamente a existência do problema. Pode ser algum comentário ou um gesto qualquer. A partir daí, alguma investigação precisa ser feita por terceiros.

Finalmente, a paroquiana pode sentir que foi explorada e reclama do prejuízo causado a ela e ao esposo. Por sua vez, o esposo acha que o pastor deve ser punido, e às vezes até alimenta sentimentos de vingança. E abre um processo contra o pastor, a Igreja e, possivelmente, contra os oficiais. A Igreja pode ser implicada no processo, sob a acusação de negligência na supervisão do pastor, já que conhecia, ou deveria conhecer, as suas propensões.

### Prevenção

Poderia se dar o caso de que, como pastor e conselheiro cristão, você se reconheça em qualquer dos estágios anteriormente descritos? Já aconselhou, ou está aconselhando, alguém que cabe no exemplo imaginado? Em caso positivo, você deve compreender a existência de fatores que podem levá-lo ao cometimento de não intencionadas indiscrições, e, conseqüentemente, incuráveis agonias para você, sua família, sua igreja, a pessoa com quem está em perigo de envolver-se bem como seus familiares.

Mantenha firme sua comunhão com Deus. Tenha uma vida de oração, seja vigilante sobre si mesmo e, ao lado disso, se possível, procure fazer algum curso de aconselhamento pastoral, ou algo semelhante. Isso lhe dará melhor percepção para evitar erros de longo alcance.

Tenho tido a oportunidade de falar com muitos psicólogos e psiquiatras. Conhecendo suas próprias vulnerabilidades, eles se dizem preocupados com a falta de treinamento específico aos pastores. Se esse treinamento lhes for oferecido, certamente estarão em melhores condições de conhecer os indivíduos com os vários tipos de desordens e circunstâncias que os tornam emocionalmente susceptíveis. Aconselhamento impróprio, ministrado pelo pastor, especialmente em lugares pouco recomendáveis, pode torná-lo particularmente propenso a comportamento indiscreto.

Não importa quão boas sejam as suas

intenções, no fim de tudo, o pastor pode ser prejudicado seriamente, assim como a pessoa que o procura.

Muito freqüentemente, o pastor pode ajudar melhor alguém que precisa de aconselhamento trabalhando lado a lado com um conselheiro especialista. Isso tornará mais efetivo o aconselhamento psicológico necessário aos consulentes, enquanto o pastor assume o atendimento espiritual e eclesialístico.

Quando confrontados com um relacionamento extraconjugal, os pastores geralmente compreendem seu envolvimento mas também tendem a dar muitas justificativas. Em quaisquer circunstâncias, permanece o fato de que ações indiscretas e pecaminosas podem ser uma bola de neve cujos efeitos atingirão, cedo ou tarde, as partes envolvidas. Se o pastor racionaliza a crença de que um toque sexual não é adultério, ele precisa saber que seu ponto de vista não diminuirá a intensidade da dor causada à sua família, do embaraço e desilusão sofridos por sua congregação, nem da disciplina que lhe será aplicada.

O pastor deve compreender que a indiscrição sexual, de qualquer tipo, eventualmente poderá ser descoberta e muito provavelmente destruirá seu ministério, sua vida pessoal e familiar.

A Igreja precisa ser mais responsável em tais situações, e isso significa não meramente transferir pastores de uma igreja para outra, quando eles têm algum envolvimento sexual com uma paroquiana. Deveriam ser dispensados do trabalho e ter retirada a sua credencial de ministros, não lhes permitindo uma nova oportunidade de vitimar outras pessoas. Há muitos bons candidatos ao ministério, esperando por uma vaga que está sendo ocupada por alguém que representa um risco.

Se, como pastor, você tem uma inclinação para tornar-se sexualmente envolvido com suas paroquianas, deixe o ministério. Eventualmente poderá ser descoberto em suas práticas, tornando-se assim grande opróbrio. Ao lado disso, e pior, você estará comprometendo sua integridade pessoal e a confiança que lhe é dispensada pela Igreja e por sua família. ☆

**Adquira hoje mesmo o CD do Ministério Jovem**

✓ 14 músicas orquestradas, mais play-backs

**É Tempo de Ver JESUS**

**Apenas R\$ 14,00**

para o ano 2000

Ligue grátis **0800-552616** para fazer seu pedido

Lançamento

Esperança 2000

MUSICASA

7000 - CASA Campos

# O ano 2000 e o milênio

GEORGE W. REID

*Th.D., diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia*



Divulgação

**H**ollywood o projeta na tela. Desde jornais sérios a tablóides frívolos, ele recebe um tratamento que é tanto assustador como espalhafatoso. Teólogos tanto da direita como da esquerda falam e escrevem a seu respeito como se fosse uma coisa trivial ou a única coisa que importa.

Estamos falando do milênio. Essa é a palavra mágica. Tendo nós chegado ao ano 2000, é oportuna uma inquietação: vai o século levar a História a uma nova oportunidade ou ao caos? Líderes religiosos estão se aproveitando da oportunidade para lançar uma nova época de fé. Uns poucos prevêem o fim de todas as coisas, mas os menos inclinados a excitação especulativo vêem a chegada do ano 2000 como um marco a partir do qual devem proclamar o começo de uma nova época religiosa. Um elemento importante é a convocação papal para uma assembléia de líderes religiosos de todas as correntes, em Jerusalém, ainda este ano.

Os últimos dois séculos trouxeram uma transformação geral da autocompreensão religiosa, especialmente entre os cristãos. Desde os primórdios, a religião tem tratado do relacionamento entre a natureza e o sobrenatural. O iluminismo, no final do século 17, conseguiu desacreditar virtualmente toda crença no sobrenatural, deixando o cristianismo reduzido largamente a uma organização de serviço social, com um mínimo de conteúdo sobrenatural.

O produto final é um cristianismo enfocado sobre idéias, mas desprovido de certeza sobre Deus. Dentro deste vácuo, explicações alternativas desenvolvidas para prover significado e uma cosmovisão,

fundiram-se num amálgama que deslocou a versão bíblica do sobrenatural. Com as idéias bíblicas sendo abandonadas como mito, a religião voltou-se para preocupações humanas. Os textos bíblicos foram dissecados, avaliados pela lógica humana, e a comunidade intelectual cristã embarcou na busca do Jesus histórico. A ciência tornou-se o guia para o futuro e a profecia bíblica foi reduzida a escritos posteriores aos acontecimentos, com a escatologia tornando-se uma esperança melancólica de acontecimentos incertos.

Mas a esterilidade de tal religião, privada de seu propósito de ligar a humanidade com Deus, impele as pessoas alhures. Hoje, uma nova geração está no comando, pessoas em busca de respostas satisfatórias a questões argutas. O sobrenatural, abandonado há muito como extinto, reemergiu como linha de frente do interesse religioso.

De novo, os milagres estão em voga. Os anjos estão por toda parte, no mundo literário, na indústria de diversão, mesmo entre teólogos que não mais acreditavam neles. O misticismo da Nova Era permeia agora a música, a literatura, a filosofia, a educação e mesmo a medicina. Cristãos evangélicos, que hoje contam com uns 400 milhões de membros, não mais podem ser ignorados. O fundamentalismo exerce agora uma força profunda nas religiões não cristãs.

## Utopia milenial

Desta nova plataforma, os guias religiosos de hoje esperam lançar um reavivamento poderoso que envolverá todas as religiões e assim inaugurar o mundo utó-

pico da paz, da prosperidade, do progresso e da unidade.

Como pode uma coleção de tradições religiosas diferentes, competitivas e freqüentemente contraditórias ser combinada para introduzir o ideal utópico? A fórmula proposta se acha num grupo relativamente simples de elementos:

1. *Não julgar.* Uma religião não mais pode ser tratada como superior à outra.

2. *Mérito.* Cada tradição possui validade em sua própria esfera, e assim merece ser respeitada por todos.

3. *Aceitação.* Como toda tradição religiosa é válida, seu lugar precisa ser assegurado dentro de um todo pluralístico.

4. *Diversidade.* Dentro dessa aceitação plenária, toda pessoa deve poder praticar sua própria convicção, livre de qualquer nesga de proselitismo.

5. *Comunidade.* O foco deve convergir para um elemento comum – serviço comunitário.

6. *Subjetividade.* Cada um pode transcender crenças e práticas particulares a fim de participar da experiência interior que todas as religiões têm em comum. Afinal, é um relacionamento com o divino, como cada um concebe, o que conta.

A despeito dessa fórmula de milenialismo utópico, a Bíblia efetivamente aponta para um milênio totalmente diferente em propósito e significado.

## A voz da Bíblia

Ao nos voltarmos para as Escrituras, surpreendentemente apenas umas poucas passagens se referem diretamente ao milênio. De longe, a passagem mais explícita se acha no capítulo 20 do Apocalipse. Os evangelhos nada dizem do milênio, e Paulo o menciona só incidentalmente. Temas relacionados tais como julgamento e consumação final aparecem através das Escrituras.

Para abarcar todo o ensino bíblico, notaremos diversas passagens teologicamente relacionadas umas com as outras. Paulo fala aos coríntios da ressurreição por ocasião da última trombeta (II Cor. 15:51-55). Embora ele não faça nenhuma referência direta à volta de Cristo; bem claramente assume que a igreja em Corinto tinha conhecimento daquilo que neste momento ele estava ensinando aos crentes de Tessalônica (I Tess. 4:13-18; II Tess. 2:1-12).

A volta de Cristo é o acontecimento central em volta do qual o fim do mundo e a ressurreição giram. Paulo foi o fundador e primeiro mestre da igreja de Corinto

(Atos 18:11 e 18). Parece impensável que seu ensino básico sobre a volta de Jesus não seja fundamentado sobre o que diz em I Coríntios 15. Apesar disso, em parte alguma dos seus escritos, Paulo faz ligação entre o segundo advento com um período de tempo específico.

O apóstolo Pedro faz duas advertências aos mil anos no mesmo verso: "Há, todavia, uma coisa, amados, que não deveis esquecer: que, para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia" (II Ped. 3:8). Contudo, a intenção é claramente retórica em vez de profética. Pedro não está dando um período de tempo profético específico, mas simplesmente sublinhando a verdade que Deus está acima do tempo, contrariamente à experiência humana.

João usa a expressão "mil anos" seis vezes em Apocalipse 20. De forma sumária, ele prevê o clímax grandioso da História. Satanás, o arquiinimigo, é preso e confinado por mil anos (vs. 1-3). Os justos levantam-se na primeira ressurreição e reinam com Cristo no Céu, durante mil anos (vs. 4-6). No final dos mil anos, Satanás é solto para liderar seus sequazes, que acabam de ressuscitar, num assalto contra os santos e a cidade santa (vs. 5, 7-10), quando fogo do Céu destrói todos os ímpios.

A breve afirmação de Pedro (II Ped. 3:8), onde ele cita o Salmo 90:4, tem dado margem a uma variedade de propostas, baseadas na idéia de que aí ele está oferecendo uma fórmula para interpretar as muitas referências bíblicas a dias, geralmente fora de qualquer contexto profético. Baseando-se na premissa que os sete dias da criação são paralelos a sete épocas de mil anos, alguns acrescentam outra premissa, a de que o sexto período de mil anos terminaria com o ano 1999.

Proponentes dessa teoria avançam a idéia de que com o ano 2000 deveríamos entrar num cumprimento que corresponde ao sétimo dia literal da criação – um milênio de paz e prosperidade. Esse argumento apareceu primeiro em especulações judaicas antes do tempo de Cristo e tem reaparecido ocasionalmente em escritos cristãos posteriores, mas não tem uma verdadeira base bíblica.

Outra pergunta pode ser feita: onde o povo de Deus passará os mil anos? A resposta se encontra em outras passagens do Novo Testamento. A primeira ressurreição é a do povo de Deus, e ocorre no segundo advento de Cristo. Falando dos santos vivos, Paulo afirma que eles serão "arrebata-

dos juntamente com eles [os santos ressuscitados], entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares" (I Tess. 4:17). Jesus mesmo prometeu voltar para levar os crentes à casa de Seu pai (João 14:1-3).

Os remidos passarão os mil anos no Céu, onde participarão do julgamento (Apoc. 20:4), para em seguida presenciar o fim do pecado (Apoc. 21:2-8). Tentativas de descrever o milênio como uma era magnífica com Cristo presidindo sobre um reino terrestre não enquadram de modo algum com o ensino bíblico a respeito dos eventos finais.

Embora a maioria dos intérpretes cristãos do milênio argumente a favor de teorias dispensacionalistas que pressupõem um reino messiânico no qual Cristo reina sobre a Terra, os adventistas do sétimo dia preferem seguir Pedro e Paulo, ensinando uma devastação total da Terra por ocasião da vinda de Cristo. Esse acontecimento torna o planeta inabitável aos seres humanos, mas um lugar apropriado para a prisão de Satanás. Baseados no livro do Apocalipse, nós prevemos a erradicação do mal e a restauração de tudo à pureza original, um mundo "no qual habita a justiça", no final dos mil anos.

## Teorias milenialistas

Hoje o termo *milênio* recebeu um novo significado. Além da simples referência ao período bíblico de mil anos, está se tornando a chave dos acontecimentos finais. Essa espécie de especulação tem uma longa história. Começando no período entre o Antigo e o Novo Testamentos, os rabinos discutiam sobre o reino messiânico vindouro. No tempo de Jesus, esse ensino sem dúvida permeava os conceitos populares que Ele encontrava, ao tentar explicar a natureza do Seu reino.

Quarto Esdras, um livro apócrifo, oferece um bom exemplo. Segundo ele, o Messias Se revelaria estabelecendo um reino terrestre no qual todos haveriam de prosperar durante 400 anos, depois dos quais o próprio Messias e a humanidade inteira morreriam, fazendo a Terra voltar ao silêncio primordial. Então uma ressurreição geral teria lugar, seguida de um paraíso terrestre com uma Jerusalém restaurada.

O Talmude ensina que, dependendo da escolha que fizermos, os dias do Messias iriam durar 40 anos, ou 70 anos, ou três gerações. Alguns rabinos preferiam 400 anos, 365 anos, 7.000 anos ou 2.000 anos (*Sanhedrin*, 916). Freqüentemente a era dourada é apresentada em termos de prosperidade abundante, casas e terras, abun-

dantes colheitas e descendência, a satisfação de todos os desejos sensuais. Tais idéias logo se introduziriam na visão cristã de um milênio vindouro.

Quando tudo isso começaria? Haveria de seguir a 85 jubileus, depois de 7.000, 6.000, 5.000, 2.000 anos, 600, ou justamente quando? O rabino Akiba argumentava a favor de 40 anos. Vários esquemas foram propostos e alguns deles foram adotados por cristãos influentes tais como Irineu, Justino Mártir, Eusébio e outros. Jerônimo (c. 380) argumentava a favor de uma história mundial de seis mil anos, seguida de um sábado milenial. Mesmo alguns não cristãos, como os seguidores de Zoroastro e os etruscos, ensinavam que a raça humana duraria seis mil anos. Por causa do materialismo grosseiro incorporado em idéias sobre o milênio, outros pais da igreja rejeitaram mesmo a idéia de um milênio, ao ponto de negar a canonicidade do Apocalipse.

Mas foi Agostinho que captou a cristandade medieval com sua idéia de que o milênio não é um período de tempo, mas uma experiência, começando com a conversão e culminando com um entusiasmo espiritual comparável à segunda vinda de Cristo (*Cidade de Deus*, 20:6 e 7).

Essas idéias provocaram o excitação pública sobre a aproximação do ano 1000. Baseados no pensamento de Agostinho, os cristãos começaram a antecipar acontecimentos solenes naquele ano. Ao se aproximar o ano, mesmo quando o papa Silvestre ocupava o trono, a tensão subiu, mas nada de notável ocorreu. Embora especulações fantásticas circulassem nos mosteiros, o Vaticano acalmou os temores quanto ao fim do mundo. Em 998, o Concílio de Roma impôs a Roberto, rei da França, sete anos de penitência por violações graves da lei canônica, e o imperador Otão III, da Alemanha, continuou a fazer planos de restaurar o antigo Império Romano.

## Os adventistas e as especulações

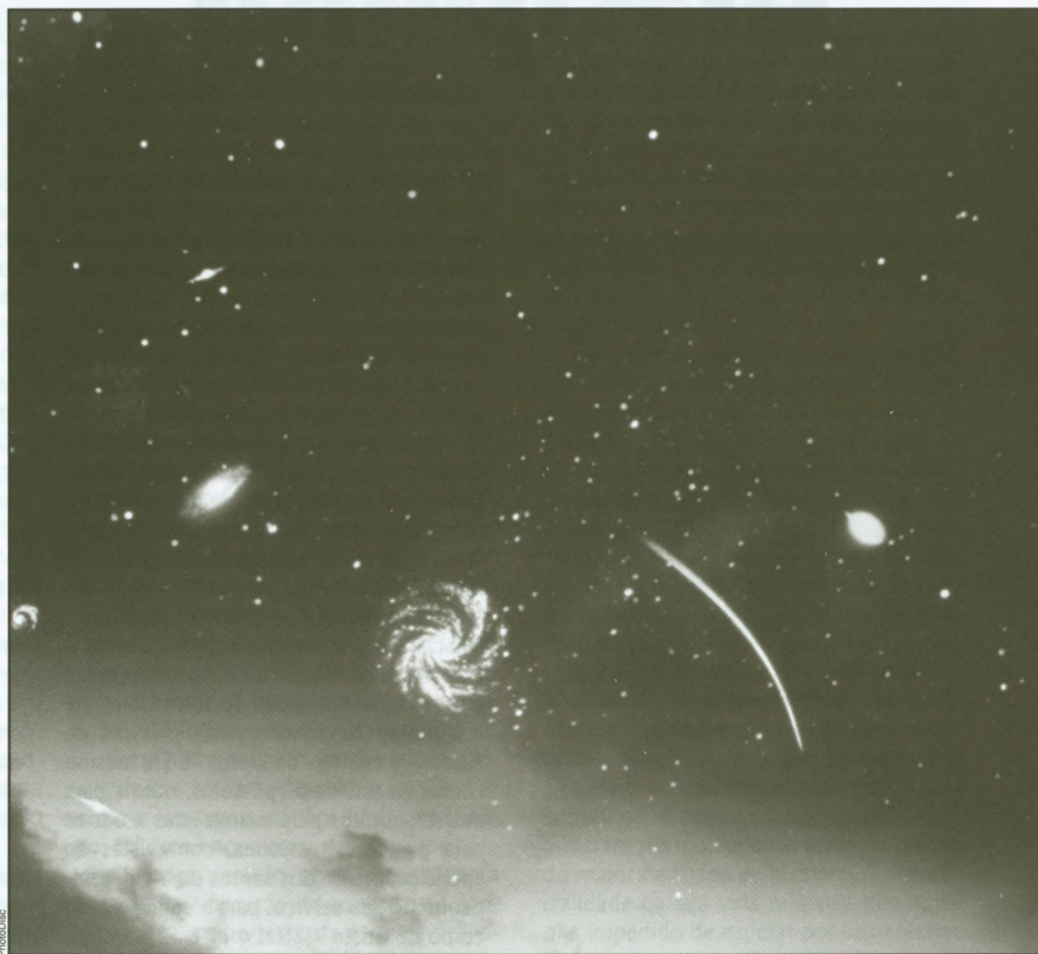
Sendo profundamente interessados em profecia, os adventistas do sétimo dia são particularmente vulneráveis a especulações. Através da história adventista temos confrontado especulações sobre o fim, apesar de advertências bíblicas e de Ellen White desacreditarem toda tentativa de prever eventos futuros.

Em vista disso, precisamos tratar da agitação em círculos adventistas sobre os seis mil anos. Geralmente os que propõem cálculos específicos baseiam seus argumentos sobre a afirmação de Ellen White quanto a uma cronologia de seis mil anos para a Terra. Com efeito, a cronologia bíblica é complexa e inclui várias incertezas que tornam um cálculo exato cronologicamente impossível. Essas não afetam a mensagem das Escrituras, mas nos impedem de datar os acontecimentos bíblicos com precisão para o período anterior aos reis de Israel.

## Princípios que protegem

Diante de tudo isso, surge a pergunta: Há princípios são que nos ajudam a tratar de especulações milenares e a evitar sermos enganados? Os seguintes poderiam ajudar:

1. As especulações milenares têm uma longa história quase sempre errada.
2. O desejo de novidade profética superficial deve ceder lugar a cuidadoso estudo da Bíblia.
3. Fixar tempo para o fim é em si um empreendimento sem apoio na Bíblia.
4. Ellen White firmemente endossa a



Ellen White não fez questão de criar uma cronologia. Em seus escritos, ela faz 43 referências aos seis mil anos e 42 aos quatro mil anos. Como regra, ela simplesmente cita a cronologia de Ussher, impressa acima das colunas da Bíblia que usava. O método é de aproximação, e não de datação rígida. Em 1913, ela escreveu referindo-se à Terra como tendo “quase seis mil anos”. No todo, estudantes cuidadosos da Bíblia e dos escritos de Ellen White evitarão construir cronologias sobre esse tipo de evidência.

abordagem historicista de interpretação profética, nunca propondo reciclagem futura de profecias apocalípticas relacionadas com o tempo.

5. Estudo judicioso das profecias bíblicas continua a ser um componente válido e essencial da mensagem adventista, mas não deve levar a qualquer forma de projeção de tempo exato para a volta de Jesus ou outros acontecimentos que devem ocorrer em conexão com a Sua volta. ☆

# Estratégia para discipular

RAFAEL LUIZ MONTEIRO

*Diretor de Ministério Pessoal e Escola Sabatina na Associação Amazônia Ocidental*



Divulgação

**T**odos estão concordes em que não basta encher templos se não houver, paralelo a isso, uma estratégia que possa implementar o discipulado de Cristo conforme os princípios encontrados nos textos sobre a grande comissão evangélica. Se tal atividade for desconsiderada, o trabalho pastoral não estará completo, nem a igreja poderá crescer sem o temor da apostasia.

A responsabilidade de andar submissos a Cristo e comprometidos com Sua Palavra, bem como o treinamento de novos crentes, num clima de amor e aprendizado, são tarefas indispensáveis à conclusão da tarefa que foi confiada à Igreja.

“Portanto, ide e fazei discípulos...” (Mat. 28:19). Com esse objetivo em mente, pastores e líderes voluntários devem ser encontrados no papel de formadores de discípulos, iluminados pelas palavras de Paulo aos cristãos de Éfeso: “E Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do Seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Efés. 4:11 e 12).

Esse conceito de ministério traduz uma grande promessa que pode ser agasalhada no coração de alguém ou de uma igreja, a fim de cumprir com sucesso a ordem de Jesus. Primeiramente, é preciso equipar, avaliar e ensinar os membros das igrejas, para que eles possam ser ministros do Senhor. Eles devem ser ajudados a realizar a obra para a qual foram chamados. Em segundo lugar, está implícita a necessidade de lhes demonstrar como devem se incumbir da tarefa de ensinar a outros, pelo simples processo de multiplicação espiritual. Finalmente, é preciso que abriguem na mente e no

coração uma visão ampla do ministério. Devem ver a própria importância no eterno plano de Deus para conquistar o mundo através do evangelho. Devem ser testemunhas para que possam ser ouvidos por gente de todas as nações e povos.

A vitória sobre os desafios do futuro, para a Igreja, depende simplesmente da aplicação da estratégia divina, em consonância com a promessa feita: “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim” (Mat. 24:14).

## Estilo de vida

Todo processo de fazer discípulos começa com uma visão. Primeiramente é preciso ver que discipulado é o tipo de vida que Deus espera para nós como cristãos. Somos chamados “discípulos”, na qualidade de seguidores de Jesus Cristo. Além disso, é-nos ordenado ir e fazer discípulos.

A tarefa de educar e motivar pessoas para o testemunho como estilo de vida cristã requer o esforço unido e intenso de líderes experimentados, e o retorno aos princípios utilizados pela Igreja primitiva. A necessidade é urgente, porque os métodos usados tradicionalmente não têm demonstrado possuir operacionalidade fundamentada na grande comissão de Mateus 28:18-20.

Alguns estão desorientados e perdidos. Não vibram na esperança, tendo o amor pelos inconversos se transformado em racionalidade. A perda de visão missionária própria é sintoma de doenças eclesiais sérias que podem reverter significativamente o quadro do crescimento, levando a comunidade à inanição

e à morte. Segundo Herschel H. Hobbs, "a obra do evangelismo não é completa até que o evangelizado se converta em evangelizador".<sup>1</sup> Ampliando essa declaração, se o processo de fazer discípulos é para ser completo, todo novo crente deveria ser treinado para ser um evangelista ativo. Esse ciclo completo de aprendizado "requer tempo, amor, disciplina e instrução pessoal".<sup>2</sup> Adicionar a obra do evangelismo à do discipulado é um seguro investimento, pois o futuro é permanente e gera multiplicação. Essa foi a estratégia de Cristo.

"Jesus treinou Seus discípulos por associação, antes de dar a eles a grande comissão. Estar com Ele foi primeiramente sentido no aprendizado em como ministrar. Marcos nos diz: 'Ele apontou doze – e designou-os como apóstolos – para que estivessem com Ele e os mandasse a pregar' (Mar. 3:14).

"O evangelismo dos discípulos cresceu graças ao seu estilo de vida, pelo fato de terem estado muitas horas na presença de Jesus. Eles foram aprendizes em situações da vida real. Eles viram o evangelismo, o aconselhamento, a pregação, o ensino e cada uma das outras formas de ministério, tudo em primeira mão."<sup>3</sup>

## Aproximação necessária

Associados a Jesus, os discípulos se tornaram "pescadores de homens" (Mat. 4:19). Ele lhes mostrou como ministrar. Como líderes, às vezes estimulamos as pessoas ao testemunho, mas falhamos em dizer-lhes como fazer isso. A igreja precisa se aproximar de seus membros e estabelecer um diálogo comprometedor. O clero já não pode viver à revelia dos interesses coletivos da igreja. Não há como ficar ausente da realidade vivida pelo mundo e pela igreja.

Qual é a prioridade da Igreja? Está seu ministério oficial preparado para o evangelismo interno e externo? Pastores que estão comprometidos com essa revitalizadora aproximação devem ser treinados para que demonstrem como se conduzem com os dons de Deus em seu ministério. Até isso acontecer, a explosão evangelística não ocorrerá, e muitos membros jamais terão a alegria de conduzir alguém a Cristo. O discipulado de Cristo é o recurso de que a Igreja dispõe para colocar em prática os princípios da grande comissão. A preocupação de Billie Hanks demonstra que "o conceito da multiplicação de discípulos deveria ser restaurado em nossas igrejas novamente, porque é a única que

tem potencial realístico de conquistar atualmente cada nação do mundo com o evangelho".<sup>4</sup>

Muitos pastores estão vivendo uma situação difícil de ser absorvida, devido a que suas atividades não mais suportam a ausência de treinamento leigo em suas respectivas igrejas. Um sentimento de frustração e fadiga espirituais perpassa a vida desses obreiros. A falta de uma estratégia de discipulado mais duradoura tem gerado uma atitude absurda, envolvendo múltiplas atividades boas em si mesmas, com a exclusão da essencial que é discipular. Tais pastores não encontram tempo suficiente para treinar seus membros leigos para o sacerdócio dos crentes.

Essa omissão lhes permite trabalhar sem apoio de elementos qualificados que o ajudem na condução dos diversos setores da igreja. Como resultado, a carga não é compartilhada com os demais, e membros frustrados pela inoperância reagem com críticas ao ministério e à Igreja como um todo. Membros mal alimentados espiritualmente perdem a visão missionária; e começam a lutar em busca de postos e funções de liderança na congregação local.

"Muitos obreiros cristãos experimentam que seu tempo é demasiadamente valioso para ser empregado num envolvimento pessoal equipando lideranças leigas, e o ciclo vicioso se repetirá vez após vez. Somos sempre preocupados em seguir o exemplo de Jesus. Necessitamos agarrar a idéia de que o Senhor revelou Seu pessoal exemplo de ministério, investindo o máximo de Seu tempo na vida daqueles que conduziram o máximo de responsabilidade no futuro ministério da Igreja."<sup>5</sup>

Estar junto ao povo, motivando-o, treinando-o e equipando-o como fez Jesus, é almejar ver novos cristãos firmes em Cristo, tal como aconteceu nos dias apostólicos. Nossa geração pode esperar ver a grande multiplicação de conversos e congregações, como resposta à nossa aceitação e prática do exemplo de Jesus.

## O Mestre e Seu plano

Examinando o Novo Testamento e, em particular os evangelhos, percebemos claramente o plano de Cristo. Ele apresentou-Se à nação judaica como a solução nacional de seus problemas, em cumprimento a tudo o que fora predito e revelado por Deus aos profetas antigos. Uma libertação nacional do domínio imperialista romano passava por uma libertação nacional de seus pecados históricos e pessoais, emancipando-a assim do domínio tirano de Satanás.

Jesus tentava convencer líderes e povo de que Sua vida, ao ser sacrificada no Calvário, estava cumprindo uma exigência da lei do pecado, mais do que uma exigência das leis de suas tradições, como nação submissa ao jugo romano. Morrer pela nação era importante, mas morrer pelo mundo inteiro era sua grande meta. "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que Deu Seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16).

Na verdade, os evangelhos foram escritos para revelar Jesus Filho de Deus, e que, pela fé, os crentes podem ter vida em Seu nome (João 20:31). Porém, falhamos muitas vezes em compreender e revelar o que a realização dessa vida em Cristo inclui. Devemos lembrar que as testemunhas que escreveram os livros não somente viram a verdade, mas foram transformadas por ela. Por essa razão, ao contarem a história, invariavelmente levaram aquelas coisas que as influenciaram e induziram outros a viverem segundo o estilo de vida dos seguidores de Cristo Jesus.

Com a rejeição do Messias pelos líderes nacionais israelitas e o Sinédrio, órgão máximo da legislatura civil e religiosa judaica, a seleção de novos líderes foi o passo seguinte. Jesus chamou discípulos. Doze a princípio, para viverem em íntima comunhão com Ele. Dentre eles, três Lhe eram especiais: Pedro, Tiago e João. Esses seriam mais tarde os cabeças da Igreja nascente, o novo Israel. Eram "homens sem letras e indoutos" (Atos 4:13). No entanto, estavam prontos a aprender. Seus maneirismos podiam ter sido grandes empecilhos; e suas habilidades limitadas prejudicariam o seu preparo, mas eles eram suficientemente honestos para admitir suas necessidades e conflitos. E puderam ser moldados segundo o padrão do maior de todos os Mestres. A superficialidade da sua vida religiosa não os tinha impedido de esperar por seu Messias (João 1:41, 45 e 49; 6:69). Apenas tinham que lidar com a hipocrisia da aristocracia dominante. Suas esperanças estavam adormecidas precisando de algo revitalizador que viesse compor em sua existência a nova realidade na companhia de Jesus.

O grande teste ainda estava para vir. Jesus escolhera uns poucos homens, e Seu intento era prepará-los a fim de que, quando Se ausentasse deles, estivessem prontos para estabelecer uma relação de forças com o mundo, na tentativa de conquistá-lo para a Sua glória. Não podiam

transformar o mundo, a não ser que, individualmente, fossem transformados. O fato de haver escolhido poucos homens tinha grande importância no que desejava alcançar. A mudança operada na vida dos indivíduos escolhidos só seria possível através da influência do grande Mestre da Galiléia.

A maneira como lidou com aqueles incultos galileus, pescadores de tempo integral, cobradores de impostos, idealistas, mas sem uma noção de coletividade, é inacreditável dentro dos padrões da moderna filosofia educacional. Mas algo sobrenatural aconteceu. Platão, Sócrates, Paulo, Maomé e Buda tiveram discípulos, mas Jesus sobrepujou a todos eles. Em pouco tempo, o aprendizado dos trementes discípulos foi superado por eles próprios. "O discípulo não está acima do seu mestre; todo aquele, porém, que for bem instruído será como o seu mestre" (Luc. 6:40).

A essência do ministério de Jesus em relação aos Seus discípulos era Seu programa de treinamento. Ao chamá-los, deu início ao processo desse treinamento associando-Se com eles, na prática, diariamente. Tratava-se de um método simples, mas de grande sucesso. Ele não estudara nas escolas dos rabinos, não tinha o apoio deles, não dispunha das ferramentas comuns de instrução. Nada de procedimentos burocráticos. Ele era a própria escola e o currículo. Era um método que contrastava fortemente com os escribas, as estrelas do conhecimento do Seu tempo. Eles próprios haviam insistido com Jesus no sentido de que Se apoiasse em suas tradições e seus dogmas, para ensiná-los aos discípulos. Cristo, entretanto, não lhes deu ouvidos. Afinal, era "Emanuel, Deus conosco" (Mat. 1:23), portanto, a sabedoria em pessoa. Seus discípulos eram diferenciados não por viverem em conformidade com certos rituais, mas por estarem com Ele, viverem e proclamarem Seus ensinamentos (João 18:20).

O método de associação de Jesus com Seus discípulos revelou-se desde o princípio, no momento do convite feito àqueles homens aos quais desejava liderar. João e André foram convidados: "vinde e vede" (João 1:39), até ao lugar onde Jesus estava morando "e ficarem com Ele aquele dia". Nada mais foi explicado. Entende-se que na intimidade do aposento do Mestre, eles puderam ter preciosos vislumbres de Sua obra e Sua natureza. A Filipe foi especialmente endereçado o mesmo convite, com a expressão "Segue-Me" (João 1:43). Evi-

dentemente, sensibilizado por essa aproximação, o novo discípulo convidou Natanael: "vem e vê" (João 1:46).

Mais tarde, quando Pedro, Tiago, João e André foram encontrados à beira-mar, lançando suas redes, Jesus contemplou-lhes com as mesmas palavras já familiares: "Vinde após Mim" (Mar. 1:17; Mat. 4:19; Luc. 5:10). Igualmente, Mateus foi chamado da cadeira de seu escritório: "Segue-Me" (Mar. 2:14; Mat. 9:9; Luc. 5:27).

Havia muitas coisas que aqueles homens não entendiam. Coisas que só seriam aprendidas em suas andanças com Cristo. A solução de seus problemas seria possível pelo simples fato de estarem sempre com o Mestre. Em Sua presença, eles poderiam descobrir tudo o que necessitavam saber. Jesus tinha a determinação de prepará-los para a tarefa de evangelização do mundo. Para isso, Se reunia com eles e dedicava-lhes boa parte de Seu precioso tempo. Precisava torná-los ativos missionários. Com mais frequência Se reunia com eles em lugares afastados, nas montanhas, lugares distantes dos grandes centros da discussão teológica, como Tiro e Sidom por exemplo (Mar. 7:24; Mat. 15:21); ou percorrendo a região de Decápolis (Mar. 7:31; Mat. 15:29), as cercanias da Dalmanuta, sudeste da Galiléia (Mar. 8:10; Mat. 15:39), ou para as vilas de Cesaréia de Filipe, a nordeste (Mar. 8:27; Mat. 16:13).

Essas longas jornadas eram feitas em parte devido à oposição dos fariseus e à hostilidade de Herodes; porém, principalmente, porque Jesus precisava estar a sós com Seus discípulos, longe do tumulto de Seus opositores. Depois Ele gastou vários meses na Peréia, a leste do Jordão (Luc. 13:22-19:28; João 10:40-11:54; Mat. 19:1-20:34; Mar. 10:1-52). Como, à medida que o tempo passava, a oposição recrudescia, Jesus não andava mais abertamente entre os judeus, até Se escondia deles, e foi para Efraim, junto ao deserto (João 11:54).

### As últimas instruções

Mesmo quando, nos últimos dias de Sua trajetória terrestre, empreendeu a última caminhada para Jerusalém, ficou à parte com os discípulos, tomando os doze para as últimas instruções. A partir daí, começou lentamente a subida à Jerusalém, para ali sofrer a morte de cruz (Mat. 20:17; Mar. 10:32). Nesse período, Jesus não Se separou dos discípulos. Permaneceu com eles, possivelmente para ajudá-los a suportar o grande desapontamento que estavam prestes a sofrer (João 16:4). Indubitavelmente, esses momentos finais foram os

mais importantes do ministério discipular de Jesus; por isso, os evangelhos dedicam boa parte de seus relatos aos últimos eventos da vida do Mestre na Terra.

A última semana de Cristo com os discípulos é mais rica em detalhes do que qualquer outro período da Sua convivência com eles. Esse fato foi reconhecido por Pedro, que mais tarde assim se expressou: "A este ressuscitou Deus no terceiro dia, e concedeu que fosse manifesto, não a todo o povo, mas às testemunhas que foram anteriormente escolhidas por Deus; a nós, isto é, que comemos e bebemos juntamente com Ele, depois que ressurgiu dos mortos" (Atos 10:40 e 41).

De um modo geral, a performance dos discípulos demonstra o êxito do método de aproximação, utilizado por Jesus. Sem muito alarde, Ele treinou Seus discípulos e esteve com eles ensinando-os como fazer o trabalho (João 15:27). Aprenderam fazendo como Jesus fazia. O Mestre dedicou tempo para o relacionamento e instrução. Homens e mulheres que estiveram com Ele até o fim, assim se mantiveram em virtude da especial atenção que lhes fora dispensada: Zaqueu, a mulher samaritana, Nicodemos, o endemoninhado gadareno, Marta, Maria Madalena, Joana, Suzana, e muitas outras pessoas formam esse grupo.

Hoje, a Igreja é a continuidade desse ministério. Dar especial atenção a cada crente é um gesto que, por si só, constitui-se uma parte do entendimento da natureza e missão da Igreja.

Se realmente deseja atrair o mundo com o evangelho do reino, a Igreja deverá, primeiramente, conscientizar-se de que seus membros devem ser preparados para que se tornem discípulos de tempo integral, que ministrem coletiva e individualmente, fazendo dessa prática um estilo de vida. Cada crente tem parte nesse ministério, necessitando para isso receber treinamento.

A edificação de um discípulo exige cuidado pessoal. A formação de um discípulo que amadurece e se reproduz em outros discípulos exige contato pessoal do líder. Foi assim que Jesus fez. ☆

### Referências:

- <sup>1</sup> Herschell H. Hobbs, citado por Billie Hanks, em *Discipleship: The Best Writings From the Most Experienced Disciple Makers*, (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1981), pág. 26.
- <sup>2</sup> Billie Hanks, *Idem, idem*.
- <sup>3</sup> *Ibidem*.
- <sup>4</sup> *Idem*, pág. 27.
- <sup>5</sup> *Idem*, pág. 28.



# Tormento ou aniquilamento eterno?

SAMUEL BACCHIOCCHI

*Ph.D., professor de Religião  
na Universidade Andrews,  
Estados Unidos*



Divulgação

O inferno é uma doutrina bíblica. Mas que espécie de inferno? Um lugar onde os pecadores impenitentes queimam para sempre e conscientemente sofrem dor num fogo eterno que nunca termina? Ou um julgamento penal pelo qual Deus aniquila pecadores e pecado para sempre?

Tradicionalmente, através dos séculos, as igrejas têm ensinado e pregadores têm proclamado o inferno como tormento eterno. Mas em tempos recentes, raramente ouvimos os sermões de “fogo e enxofre”, mesmo de pregadores fundamentalistas, que podem ainda estar comprometidos com tal crença. Sua hesitação em pregar sobre tormento eterno provavelmente não é devida a uma falta de integridade em proclamar uma verdade impopular, mas à sua aversão de pregar uma doutrina na qual dificilmente crêem. Afinal, como é possível que o Deus que tanto amou o mundo que enviou Seu Filho unigênito para salvar pecadores, pode também ser um Deus que tortura as pessoas (mesmo o pior dos pecadores) para sempre, indefinidamente? Como pode Deus ser um Deus de amor e justiça e ao mesmo tempo atormentar os pecadores para sempre no fogo do inferno?

Este paradoxo inaceitável tem levado estudiosos de todas as persuasões a reexaminar o ensino bíblico quanto ao inferno e o castigo final.<sup>1</sup>

A questão fundamental é: o fogo do inferno tortura os perdidos eternamente ou os consome permanentemente? As respostas a essa pergunta variam. Duas interpretações recentes, tendo em vista tornar o inferno mais humano, merecem uma breve menção.

## Opiniões alternativas

*Opinião metafórica do inferno.* A interpretação metafórica mantém que o inferno é tormento eterno, mas o sofrimento é mais mental do que físico. O fogo não é literal mas figurativo, e a dor é causada mais por um senso de separação de Deus, do que tormentos físicos.<sup>2</sup>

Billy Graham expressa tal opinião metafórica quando afirma: “Tenho-me perguntado muitas vezes se o inferno não é um fogo queimando dentro de nossos corações por Deus, para comunhão com Deus, um fogo que nunca podemos apagar.”<sup>3</sup> A interpretação de Billy Graham é engenhosa. Infelizmente, porém, ela ignora o fato que a descrição bíblica de “queimar” refere-se não a um queimar dentro do coração, mas a um lugar onde os ímpios são consumidos.

William Crockett também favorece a opinião metafórica: “O inferno, então, não devia ser imaginado como um inferno vomitando fogo como a fornalha ardente de Nabucodonosor. O máximo que podemos dizer é que os rebeldes serão expulsos da presença de Deus, sem nenhuma esperança de restauração. Como Adão e Eva, serão expulsos; mas desta vez para uma noite eterna, onde alegria e esperança estão para sempre perdidas.”<sup>4</sup>

O problema com essa opinião do inferno é que ela quer substituir tormento físico por angústia mental. Alguns podem duvidar se a angústia mental eterna é realmente mais humana do que o tormento físico. Mesmo que fosse verdade, a diminuição do grau de dor num inferno não literal não muda substancialmente a sua natureza pois ele ainda permanece um lugar de

tormento sem fim. A solução se encontra não em humanizar ou sanear a opinião tradicional sobre o inferno, de modo a torná-lo um lugar mais tolerável onde os ímpios passarão a eternidade, mas em compreender a natureza verdadeira do castigo final, que, como veremos, é o aniquilamento permanente e não tormento eterno.

A *opinião universalista do inferno*. Uma revisão mais radical do inferno tem sido tentada por universalistas que o reduzem a uma condição temporária de castigos graduados que no fim levam ao Céu. Os universalistas crêem que Deus afinal terá êxito em levar a todo ser humano à salvação e à vida eterna de modo que ninguém será condenado no julgamento final ao tormento eterno ou aniquilamento.<sup>5</sup>

Ninguém negará o apelo que o universalismo tem para a consciência cristã, porque toda pessoa que sentiu o amor de Deus almeja vê-Lo salvar a todos. Todavia, nossa apreciação pelo interesse universalista de defender o triunfo do amor de Deus, e para refutar a opinião não bíblica do sofrimento eterno, não nos devia cegar ao fato que essa doutrina é uma distorção séria do ensino bíblico: Salvação universal não pode ser correta somente porque o sofrimento eterno é errado. O alvo universal do propósito salvífico de Deus não deve ser confundido com o fato de que aqueles que rejeitam Sua dádiva de salvação não de percer.

Embora as opiniões metafórica e universalista representem tentativas bem-intencionadas para abrandar o conceito do sofrimento eterno, deixam de reconhecer os dados bíblicos e conseqüentemente representam mal a doutrina bíblica da punição final dos que não se salvam. A solução razoável dos problemas das opiniões tradicionais se encontra, não diminuindo ou eliminando o grau de dor de um inferno literal, mas em aceitar o inferno tal como ele é, ou seja, o castigo final e o aniquilamento dos ímpios. Como diz a Bíblia, "o ímpio não existirá" (Sal. 37:10), porque seu "fim é a perdição" (Filip. 3:19).

A crença no aniquilamento dos perdidos é baseada em quatro considerações bíblicas: 1) a morte como castigo do pecado; 2) o vocabulário sobre a destruição dos ímpios; 3) as implicações morais do tormento eterno; e 4) as implicações cosmológicas do tormento eterno.

## Morte como punição

O aniquilamento final dos pecadores impenitentes é indicado, em primeiro lugar, pelo princípio bíblico fundamental

que o castigo final do pecado é a morte: "A alma que pecar morrerá" (Ezeq. 18:4 e 20); "o salário do pecado é a morte" (Rom. 6:23). A punição do pecado compreende não somente a primeira morte, a qual todos experimentam como resultado do pecado de Adão, mas também o que a Bíblia chama de a segunda morte (Apoc. 20:14; 21:8), que é a morte final e irreversível a ser sofrida pelos pecadores impenitentes. Isso significa que o salário final do pecado não é o tormento eterno, mas morte permanente.

A Bíblia ensina que a morte é a cessação da vida. Não fosse pela segurança da ressurreição (I Cor. 15:18), a morte que experimentamos seria a terminação de nossa existência. É a ressurreição que converte a morte de ser o fim da vida em um sono temporário. Mas não há ressurreição para a segunda morte, porque aqueles que a sofrem são consumidos no "lago de fogo" (Apoc. 20:14). Este será o aniquilamento final.

## Vocabulário bíblico

A segunda razão compulsiva para crer no aniquilamento dos perdidos no julgamento final é o rico vocabulário de destruição usado na Bíblia para descrever o fim dos ímpios. Segundo Basil Atkinson, o Antigo Testamento usa mais de 25 substantivos e verbos para descrever a destruição final dos ímpios.<sup>6</sup>

Diversos salmos descrevem esse acontecimento usando imagens dramáticas (Sal. 1:3-6; 2:9-12; 11:1-7; 34:8-22; 58:6-10; 69:22-28; 145:17 e 20); No Salmo 37, por exemplo lemos que os ímpios logo "murcharão como a erva" (v. 2); eles "serão exterminados... e... não existirá o ímpio" (vs. 9 e 10); "perecerão... serão aniquilados e se desfarão em fumaça" (v. 20); os "transgressores serão, à uma, destruídos" (v. 38).

O Salmo 1 contrasta o caminho dos justos com o caminho dos ímpios. Dos últimos ele diz que "não prevalecerão no juízo" (v. 5); mas serão "como a palha que o vento dispersa" (v. 4); "o caminho dos ímpios perecerá" (v. 6). No Salmo 145, Davi afirma: "O senhor guarda a todos os que O amam; porém os ímpios serão exterminados" (v. 20). Essa amostra de referências sobre a destruição final dos ímpios está em perfeita harmonia com o ensinamento do resto das Escrituras.

Os profetas freqüentemente anunciam a destruição final dos ímpios em conjunção com o dia escatológico do Senhor. Isaías proclama que "os transgressores e os pecadores serão juntamente destruídos; e os que deixarem o Senhor perece-

ção" (Isa. 1:28). Descrições semelhantes são encontradas em Sofonias 1:15, 17 e 18, e Oséias 13:3.

A última página do Antigo Testamento provê um contraste impressionante entre o destino dos crentes e o dos incrédulos. Sobre aqueles que temem o Senhor "nascerá o Sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas" (Mal. 4:2). Mas para os incrédulos, o dia do Senhor "os abrasará, ... de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo" (Mal. 4:1).

O Novo Testamento segue de perto o Antigo, ao descrever o fim dos ímpios com palavras e imagens que denotam aniquilamento total. Jesus comparou a destruição total dos ímpios a coisas como o joio amarrado em molhos para serem queimados (Mat. 13:30 e 40), o peixe ruim que é lançado fora (Mat. 13:48), as plantas daninhas que serão arrancadas (Mat. 15:13), a árvore sem fruto que será cortada (Luc. 13:7), os ramos ressequidos que são lançados no fogo (João 15:6), os lavradores infiéis que serão destruídos (Luc. 20:16), os antediluvianos que foram destruídos pelo Dilúvio (Luc. 17:27), o povo de Sodoma e Gomorra que foi consumido pelo fogo (Luc. 17:29), e os servos rebeldes que foram mortos à volta de seu Senhor (Luc. 19:27).

Todas essas ilustrações descrevem de modo gráfico a destruição final dos ímpios. O contraste entre o destino dos salvos e o dos perdidos é um de vida *versus* destruição.

Aqueles que apelam às referências de Cristo ao inferno ou fogo do inferno (*gehenna*, Mat. 5:22, 29 e 30; 18:8 e 9; 23:15 e 33; Mar. 9:43, 44, 46-48), para apoiar sua crença num tormento eterno, deixam de reconhecer um ponto importante. Como assinala John Stott, "o fogo mesmo é chamado eterno e inextinguível, mas seria muito estranho se aquilo que nele fosse jogado se demonstrasse indestrutível. Esperaríamos o oposto: seria consumido para sempre, não atormentado para sempre. Segue-se que é o fumo (evidência de que o fogo efetuou o seu trabalho) que 'sobe para todo o sempre' (Apoc. 14:11; 10:3)".<sup>7</sup>

A referência de Cristo a *gehenna* não indica que o inferno seja um lugar de tormento infindo. O que é eterno ou inextinguível não é o castigo mas o fogo que, como no caso de Sodoma e Gomorra, causa a destruição completa e permanente dos ímpios, uma condição que dura para sempre.

A declaração de Cristo de que os ímpios "irão para o tormento eterno mas os justos para a vida eterna" (Mat. 25:46) é

geralmente considerada como prova do sofrimento eterno e consciente dos ímpios. Essa interpretação ignora a diferença entre punição eterna e o ato de punir eternamente. O termo grego *aiônios* (eterno) literalmente significa "aquilo que dura um período", e freqüentemente refere-se à permanência do resultado e não à continuação de um processo. Por exemplo, Judas 7 diz que Sodoma e Gomorra sofreram "a pena do fogo eterno". É evidente que o fogo que destruiu as duas cidades é eterno, não por causa da sua duração, mas por causa de seus resultados permanentes.

Outro exemplo encontra-se em II Tesalonicenses 1:9, onde Paulo, falando daqueles que rejeitam o evangelho, diz: "Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do Seu poder." É evidente que a destruição dos ímpios não pode ser eterna em sua duração, porque é difícil imaginar um processo de destruição eterno e inconclusivo. Destruição pressupõe aniquilamento. A destruição dos ímpios é eterna, não porque o processo de destruição continua para sempre, mas porque os resultados são permanentes.

A linguagem de destruição é inescapável no livro do Apocalipse. Lá ele representa a maneira de Deus vencer a oposição do mal a Si mesmo e a Seu povo. João descreve com ilustrações vívidas o lançamento do diabo, da besta, do falso profeta, da morte e de todos os ímpios no lago de fogo que é a "segunda morte" (Apoc. 21:8; 20:14; 2:11; 20:6).

Os judeus freqüentemente usavam a frase "segunda morte" para descrever a morte final e irreversível. Exemplos numerosos podem ser achados no Targum, a tradução e interpretação em aramaico do Antigo Testamento. Por exemplo, o Targum sobre Isaías 65:6 diz: "Seu castigo será em *Gehenna* onde o fogo arde todo o dia. Eis, está escrito diante de mim: 'Não lhes darei descanso durante [sua] vida mas lhes darei o castigo de sua transgressão e entregarei seus corpos à segunda morte.'"<sup>8</sup>

Para os salvos, a ressurreição marca o galardão de outra vida mais elevada, mas para os perdidos marca a retribuição de uma segunda morte que é final. Como não há mais morte para os remidos (Apoc. 21:4), assim não há mais vida para os perdidos (Apoc. 21:8). A "segunda morte", então, é a morte final e irreversível. Interpretar a frase de outro modo, como um tormento eterno e consciente ou separação de Deus, nega o significado bíblico da morte como uma cessação de vida.

## Implicações morais

Uma terceira razão para crer no aniquilamento final dos perdidos é a implicação moral inaceitável da doutrina do tormento eterno. A noção de que Deus deliberadamente tortura pecadores através dos séculos sem fim da eternidade é totalmente incompatível com a revelação bíblica de Deus como amor infinito. Um Deus que inflige tortura interminável a Suas criaturas, não importa quão pecadoras foram, não pode ser o Pai de amor que Jesus Cristo nos revelou.

Tem Deus duas faces? É Ele infinitamente misericordioso de um lado e insaciavelmente cruel de outro? Pode Ele amar os pecadores de tal modo que enviou Seu filho para salvá-los, e ao mesmo tempo odiar os pecadores impenitentes tanto que os submete a um tormento cruel sem fim? Podemos legitimamente louvar a Deus por Sua bondade, se Ele atormenta os pecadores através dos séculos da eternidade? A intuição moral que Deus plantou em nossa consciência não pode aceitar a crueldade de uma divindade que sujeita pecadores a tormento infindo. A justiça divina não poderia jamais exigir a penalidade infinita de dor eterna por causa de pecados finitos.

Além disso, tormento eterno e consciente é contrário ao conceito bíblico de justiça, porque tal castigo criaria uma desproporção séria entre os pecados cometidos durante uma vida e o castigo resultante durando por toda a eternidade. Como John Stott pergunta: "Não haveria, então, uma desproporção séria entre os pecados conscientemente cometidos no tempo e o tormento conscientemente sofrido através da eternidade? Não minimizo a gravidade do pecado como rebelião contra Deus nosso Criador, mas questiono se o 'tormento eterno consciente' é compatível com a revelação bíblica da justiça divina."<sup>9</sup>

## Implicações cosmológicas

Uma razão final para crer no aniquilamento dos perdidos é que o tormento eterno pressupõe um dualismo cósmico eterno. Céu e inferno, felicidade e dor, bem e mal continuariam a existir para sempre lado a lado. É impossível reconciliar essa opinião com a visão profética da Nova Terra na qual não mais "haverá morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas" (Apoc. 21:4). Como poderíamos pranto e dor serem esquecidos, se a agonia e angústia dos perdidos fossem aspectos permanentes da nova ordem?

A presença de incontáveis milhões so-

frendo para sempre tormento excruciante, mesmo se fosse bem longe do arraial dos santos, serviria apenas para destruir a paz e a felicidade do novo mundo. A nova criação resultaria defeituosa desde o primeiro dia, visto que os pecadores permaneceriam como uma realidade eterna no Universo de Deus.

O propósito do plano da salvação é desarraigá-lo definitivamente a presença de pecado e pecadores deste mundo. Somente se os pecadores, Satanás e os diabos, forem afinal consumidos no lago de fogo e extintos na segunda morte é que podemos dizer que a missão redentora de Cristo foi concluída. O tormento eterno lançaria uma sombra permanente sobre a nova criação.

Nossa geração precisa desesperadamente aprender o temor de Deus, e esta é uma razão para pregar o juízo final e o castigo. Precisamos advertir as pessoas que aqueles que rejeitam os princípios de vida de Cristo e a provisão de salvação experimentalmente a final um julgamento terrível e "padecerão eterna perdição" (II Tess. 1:9). Precisamos proclamar as grandes alternativas entre vida eterna e destruição permanente. A recuperação do ponto de vista bíblico do juízo final pode soltar a língua dos pregadores, porque podem pregar essa doutrina vital sem receio de retratar a Deus como um monstro. ☆

## Referências:

- <sup>1</sup> Para um exame de pesquisa recente sobre a natureza do inferno, ver Samuel Bacchiocchi, *Immortality or Resurrection? A Biblical Study on Human Nature and Destiny*; Berrien Spring, MI, Biblical Perspectives, 1997, págs. 193-248.
- <sup>2</sup> William V. Crocket, *Four Views of Hell*; Grand Rapids, MI, Zondervan, 1992, págs. 43-81.
- <sup>3</sup> Billy Graham, *Decision 25* (julho-agosto 1984) pág. 2. Em outro lugar, Billy Graham pergunta: "Poderia ser que o fogo do qual Jesus falou é uma eterna busca de Deus que nunca é satisfeita? Isso, com efeito seria inferno. Estar separado de Deus para sempre, separado de Sua presença." Ver *The Challenge: Sermons From Madison Square Garden*; Garden City, NY, Doubleday, 1969, pág. 75.
- <sup>4</sup> William Crocket, *Op. Cit.*, pág. 61.
- <sup>5</sup> Basil F. C. Atkinson, *Life and Immortality: Examination of the Nature and Meaning of Life and Death as They are Revealed in The Scriptures*; Taunton, England, E. Goodman, s/d, págs. 85 e 86.
- <sup>6</sup> *Ibidem*.
- <sup>7</sup> John Stott e David Edwards, *Essentials: A Liberal-Evangelical Dialogue*; Londres, Hodder and Stoughton, 1988, pág. 123.
- <sup>8</sup> M. McNamara, *The New Testament and the Palestinian Targum to Pantauteuch*; Nova York, Pontifical Biblical Institute, 178, pág. 123.
- <sup>9</sup> John Stott e David Edwards, *Op. Cit.*, pág. 319.

# Um modelo de culto

HORNE P. SILVA

*D.Min., professor de Teologia, jubilado, reside em São Paulo*



Dwightphoto



Foto: Daniel  
Ilustração: A. Rios

O ponto de partida para a nossa filosofia de culto deve ser a Bíblia. Andrew W. Blackwood diz o seguinte: "No estudo do culto público, o melhor livro é a Bíblia. Seus ensinamentos são usualmente indiretos. O método é mais por exemplo do que por preceitos. As Escrituras estão saturadas com o espírito do culto e tão cheias de exemplos de como cantar e orar a Deus, que alguém com erudição deveria escrever um livro sobre o assunto."<sup>1</sup>

Realmente, nas Escrituras encontramos um rico material sobre o culto que nos ajuda a formar uma teologia cültica. É um material tão vasto, que somente podemos tocar de leve em alguns pontos principais.

## No Antigo Testamento

O livro de Gênesis apresenta-nos a razão básica para o nosso culto a Deus. A de que Ele é o Criador e nós somos Suas criaturas. Aparentemente Deus tencionava

que o nosso relacionamento com Ele fosse memorizado, porque estabeleceu o sábado como um monumento para nos lembrarmos da criação. Ao separar um dia, abençoando-o e santificando-o, Ele estabeleceu que o fator tempo é fundamental no culto. O primeiro símbolo de culto dado ao homem, não foi uma árvore, uma pedra, um edifício, um altar ou um animal, mas vinte e quatro horas que ocorrem em todo o sétimo dia. Alguma coisa poderia ser mais básica e universal do que o tempo? Este não poderia ser trocado pela geografia, pela cultura, ou pelo passar dos anos. Para o homem, o tempo é básico.

Mas Deus deu ao homem alguma coisa mais, além de um dia santo. Deus-Se a Si mesmo. Ele foi o companheiro de Adão e Eva no jardim do Éden. A relação entre o Criador e a criatura era bem chegada, muito pessoal. Após a entrada do pecado no mundo, o culto ao Senhor continuou, po-

rém, de maneira diferente. Até então, havia uma comunhão perfeita e ideal. Deus e o homem podiam conversar face a face (Gên. 3:8-10).

Posteriormente, entre Deus e o homem surgiu a barreira do pecado. O homem separou-se de Deus; e, se não fosse o estabelecimento e execução de um plano redentor, estaria entregue, para sempre, a uma eterna separação d'Aquele que o criou.

Para que o homem pudesse manter contato com Deus e cultuá-Lo, o Criador lançou mão de símbolos que tipificavam a redenção do homem caído. Assim, o altar e o carneiro entraram na figura do culto.

A experiência de Caim, cuja oferta não foi aceita por Deus, revela-se como a primeira lição categórica de que o culto tem um significado teológico. O culto é mais do que simplesmente um gesto espontâneo feito pelo homem à sua própria maneira. Ele deve estar em harmonia com um corpo de revelações que Deus lhe deu, com forma específica. E isso forma a liturgia.

À medida que a população multiplicava-se e crescia, o culto foi-se tornando cada vez mais complexo; "... daí se começou a invocar o nome do Senhor" (Gên. 4:26), na época em que viveu Enos, neto de Adão. "Nesse tempo o culto começou a ser mais formal."<sup>2</sup>

O homem, naturalmente, já havia invocado o nome do Senhor antes do nascimento de Enos. Mas, desse tempo em diante, levantou-se uma distinção mais acentuada entre os que adoravam a Deus e os que O negavam freqüentemente no Antigo Testamento para caracterizar o culto público, como exemplificam as passagens de Sal. 79:6; 116:17; Jer. 10:25; Sof. 3:9.

Após a saída da arca, Noé apresenta a Deus um culto (Gên. 8:20-22), seguido da revelação do próprio Deus a Noé, que foi imediatamente abençoado por Ele. Esse tipo de culto é evidente no Antigo Testamento. Em Gên. 12:7, está escrito: "Apareceu o Senhor a Abrão e lhe disse: Darei à tua descendência esta terra. Ali edificou Abrão um altar ao Senhor, que lhe aparecera." O culto, a adoração do patriarca foi uma reação de sua parte, como consequência da própria revelação de Deus. Gên. 13:14-17 descreve a repetição das promessas de Deus a Abrão, e termina com as palavras familiares: "E Abrão... levantou ali um altar ao Senhor."

Depois que Abrão teve provada a sua fé no Monte Moriá, ele respondeu à voz do anjo de Deus oferecendo-Lhe o sacrifício de um carneiro. Noutra ocasião, Abrão adorou a Deus dando-Lhe os dizimos para o uso do

sacerdote. Quando os servos de Abraão reconheceram a providência de Deus, ao guiá-los a fim de encontrar a esposa de Isaque, diz o relato sagrado: "E prostrando-me adorei ao Senhor..." (Gên. 24:28).

Quando Jacó encontrou o Senhor em Betel, que significava "casa de Deus", justamente onde 162 anos antes Abraão invocou o "nome do Senhor", a sua reação foi a de levantar um pilar, um altar, unguindo-o com azeite, e fazer um voto a Deus.

Esses poucos incidentes nos ensinam como era oculto antes de Moisés. Era mais uma reação espontânea, mais uma resposta da parte do homem a um encontro pessoal com Deus. Não era um culto para apaziguar um Deus ao qual se temia, como acontecia entre os pagãos, mas para expressar amorosa gratidão ao amor de um Deus que Se havia revelado. Os símbolos eram simples: um altar, um carneiro, uma pedra, um pilar, uma coluna, o abaixar a cabeça e um lugar chamado "casa de Deus".

Era, portanto, um culto pessoal e bem real. Deus vinha bem perto do homem e este reagia oferecendo-Lhe um culto. Durante a Era Mosaica, o culto continuou pessoal; todavia, algumas cerimônias foram acrescentadas, agora que havia uma nação.

Moisés encontra-se com Deus na sarça ardente, e recebe a ordem de descalçar as suas sandálias porque o lugar em que estava era terra santa. Quando Arão disse àquela nação de escravos que o Senhor estava próximo de libertá-los, "eles inclinaram-se e O adoraram" (Êxo. 4:31). Quando Moisés e Arão se dirigiram ao encontro com Faraó, imploraram para que desse liberdade a Israel para cultuar a Deus.

Assim que Israel obteve a sua liberdade, foi estabelecido o culto da Páscoa. Deus lhes disse: "Guardai, pois, isto por estatuto para vós outros e para vossos filhos para sempre" (Êxo. 12:24).

Tão logo Israel passou o Mar Vermelho, Moisés e o povo cantaram um cântico de louvor e adoração a Deus. Quando estava no deserto, Israel foi lembrado, através do milagre do maná, da sua responsabilidade de adorar a Deus num determinado dia. Quando o Senhor deu a lei, no Monte Sinai, os quatro primeiros mandamentos traziam claro o requerimento de adoração a Deus. Os livros de Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio tratam, em grande extensão, do culto e da ética. O culto mosaico, como é esboçado no Pentateuco, consiste de sábados, dias especiais de festas, um dia de expiação, um sacerdote e um santuário. Era um culto baseado em teologia, que incluía a transcendência de Deus,

o homem pecador, a graça de Deus e a necessidade de perdão.

A perversão do culto apareceu no caso do bezerro feito por Arão. Esse foi um incidente muito sério, porque apresentava teologicamente uma situação agravante do culto. Esse bezerro não era o Deus que havia tirado Israel do Egito. O pecado de Arão foi bem similar ao de Caim, substituindo o tipo de culto revelado por Deus, pelo culto formulado pelo homem.

No deserto, o Senhor ordenou que fosse construído um tabernáculo, um lugar para Sua habitação (Êxo. 25:8). Nessa ordem, encontramos implícitos os seguintes itens:

1. O estabelecimento de um lugar específico de adoração.
2. Um completo e até um complexo sistema de adoração.
3. Exigências para obtenção do perdão.
4. Manifestação do amor a Deus – ofertas.
5. Comportamento apropriado na presença de Deus.
6. Um ministério para um trabalho específico – sacerdócio.
7. Grandes sistemas de simbolismo.

A última ação de Moisés em público foi um cântico de adoração (Deut. 32), no qual cinco vezes ele caracterizou a Deus como uma "Rocha". "Eis a rocha! Suas obras são perfeitas, porque todos os Seus caminhos são juízos; Deus é fidelidade, e não há nEle injustiça; é justo e reto" (Deut. 32:4). Esse era um culto no mais alto sentido.

Durante a Era Mosaica, o culto tornou-se mais complexo, acompanhando o desenvolvimento teológico. O santuário tornou-se mais importante com o desenvolvimento da própria nação; tornou-se igualmente uma parte integrante do programa. O tema central era de caráter pessoal. Apesar dos detalhes serem minuciosamente prescritos, havia somente uma oração prescrita, que era a bênção sacerdotal (Núm. 6:24-26). Esse tipo de culto possuía um propósito especial: "Em tais condições, no ministério do tabernáculo e do tempo que mais tarde tomou o seu lugar, ensinava-se ao povo, cada dia, as grandes verdades relativas à morte e ministério de Cristo, e uma vez ao ano sua mente era transportada para os acontecimentos finais do grande conflito entre Cristo e Satanás, e para a final purificação do Universo, de pecado e pecadores."<sup>3</sup>

A história de Israel, desde a sua conquista de Canaã até ao cativo, foi marcada por uma constante luta consoante ao culto. Um problema que se apresentava

era a atração do culto a Baal – um culto que se caracterizava por uma ética de baixo nível, com uma fascinante liturgia. Isso era um retorno ao bezerro de ouro de Arão e tudo o mais que isso representava. Esse problema foi severamente atacado pelos juizes de Israel. Samuel estabeleceu a escola dos profetas que tinha como um dos propósitos a manutenção do culto ao Senhor. A luta de Elias foi principalmente contra os falsos cultos.

A apostasia começou a entrar nos arraiais de Israel quando começaram a adorar os símbolos em lugar de Deus. O culto se degenerou em formalidade vazia, desprovida de significado, com norma moral muito inferior. Por isso, os profetas do oitavo século se levantaram contra o formalismo descabido da religião judaica. O profeta Amós faz uma citação do próprio Deus, dizendo:

“Aborreço, desprezo as vossas festas e com as vossas assembleias solenes não tenho nenhum prazer. E, ainda que Me ofereçais holocaustos e vossas ofertas de manjares, não Me agradarei deles, nem atentarei para as ofertas pacíficas de vossos animais cevados. Afasta de Mim o estrépito dos teus cânticos, porque não ouvirei as melodias das tuas liras. Antes corra o juízo como as águas; e a justiça, como o ribeiro perene. Apresentastes-Me, vós, sacrifícios e ofertas de manjares no deserto por quarenta anos, ó casa de Israel? Sim, levastes Sicut, vosso rei, Quium, vossa imagem, e o vosso deus estrela, que fizestes para vós mesmos. Por isso vos desterrarei, para além de Damasco, diz o Senhor, cujo nome é Deus dos Exércitos.” (Amós 5:21-27).

Oséias, Miqueias e outros profetas repetiram muitas vezes essa mesma advertência de Deus, por muito tempo, contudo, sem muito resultado. “Os serviços do templo prosseguiram como nos anos anteriores, e multidões se reuniram para adorar ao Deus vivo; mas o orgulho e o formalismo gradualmente tomaram o lugar da humildade e sinceridade.”<sup>4</sup>

Os profetas não atacaram o sistema sacrificial em si mesmo. O que eles combateram com esforço e energia foram os abusos. O culto enterrou-se na pura formalidade litúrgica. Modalidades contemporâneas suplantavam os princípios revelados. Como conseqüência, afastaram-se do verdadeiro culto, e terminaram levados cativos para o exílio; apesar das tentativas de reforma, feitas por Josias, Jeremias e Ezequiel.

Israel teve que aprender com a dureza do exílio. Em terra distante e estrangeira, com saudades da pátria, resolveu retornar

a Deus, oferecendo-Lhe um culto verdadeiro. Foi curado da idolatria e, conseqüentemente, retornou à Terra da promessa.

Após o retorno do cativo babilônico, o templo e o sacerdócio foram novamente estabelecidos. Mas agora o povo foi a um outro extremo, enfatizando demasiadamente a lei. Em lugar da ênfase espiritual ensinada pelos profetas, desenvolveram uma nova modalidade de formalismo, que se tornou a religião mais ritualística e legalística de seu tempo. Foi justamente essa religião que Jesus encontrou em Seus dias, sendo o ritualismo mantido por um intrinsecado sacerdócio e o legalismo sustentado pelos escribas que adoravam a lei.

A despeito de todas as falhas de Israel, o Antigo Testamento nos apresenta um grande material sobre o culto. A sua preocupação básica era o perdão dos pecadores e o regozijo do Senhor, apesar dos abusos descabidos do povo.

Os profetas enfatizaram o valor ético e espiritual do culto. As próprias falhas do povo israelita constituem preciosas lições sobre a verdadeira adoração. O Antigo Testamento é, praticamente, a única literatura preservada da antiguidade, mostrando-nos o culto a um só Deus, livre dos ídolos, baseado no amor e com elevada ética moral. O ritual do Antigo Testamento varia em conformidade com o tempo e o lugar, desde o simples voto de Jacó sobre um pilar de pedras até o elaborado culto no templo de Salomão.

Em todas essas variações, encontramos a revelação de um Deus de poder, amor e propósito. Esse culto do Antigo Testamento era teologicamente orientado; e quando seus adoradores não estavam certos de sua teologia, ele perdia o significado. Quando os profetas de Deus reviviam as verdades teológicas, o culto readquiria a sua forma.

Por isso, a revelação do Antigo Testamento não deve ser relegada ao desprezo, ou à indiferença.

## No Novo Testamento

Nada há melhor para introduzir o assunto do culto da Era Apostólica do que a seguinte declaração de Ellen White:

“Cristo viu que era necessário fazer alguma coisa. Numerosas eram as cerimônias exigidas do povo, sem a devida instrução, quanto ao sentido das mesmas. Os adoradores ofereciam seus sacrifícios, sem compreender que eram símbolos do único Sacrifício perfeito. E entre eles, não reconhecido nem honrado, achava-Se Aquele a quem prefiguravam todos os seus serviços. Ele dera instruções quanto às ofertas.

Compreendia-lhes o valor simbólico, e via que estavam agora pervertidas e mal interpretadas. O culto espiritual estava desaparecendo rapidamente. Nenhum laço ligava os sacerdotes e principais ao seu Deus. A obra de Cristo era estabelecer um culto totalmente diverso.”<sup>5</sup>

O templo, nos dias de Cristo, era o elo entre o culto presente e o culto antigo de Israel. Os serviços de Salomão alcançavam o tabernáculo no deserto. Jesus, como um bom judeu, começou a freqüentar o centro de culto, isto é, o templo, já na meninice e continuou através da vida. Assiduamente, ensinava nos seus pátios e assistia aos serviços religiosos. Até mesmo chegou a pagar o imposto do templo. Foi nesse mesmo lugar que Ele fez uma limpeza, expulsando vendilhões, mencionando que aquela estrutura deveria ser uma “casa de oração”, ao invés de simplesmente um lugar comercial. Identificou aquele lugar como a “casa de meu Pai”.

Parece que havia um sentimento de apreensão da parte dos religiosos que ensinavam quanto à maneira que Jesus Se relacionava com o templo. Na conversação do Mestre com a mulher samaritana, pode-se descobrir a atitude dEle para com o templo, quando disse: “Mulher, podes crer Me, que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai. ... Mas vem a hora, e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para Seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os Seus adoradores O adorem em espírito e em verdade” (João 4:21, 23 e 24).

Isso era um tipo de culto totalmente diferente. “Não por procurar um monte santo ou um templo sagrado, são os homens postos em comunhão com o Céu. Religião não é limitar-se a formas e cerimônias exteriores. A religião que vem de Deus é a única que leva a Ele. Para O servirmos devidamente, é mister nascermos do divino Espírito. Isso purificará o coração e renovará a mente, dando-nos nova capacidade para conhecer e amar a Deus. Comunicar-nos-á voluntária obediência a todos os Seus reclamos. Esse é o verdadeiro culto. É o fruto da operação do Espírito Santo. É pelo Espírito Santo que toda prece sincera é ditada, e tal prece é aceitável a Deus. Onde quer que a alma se dilate em busca de Deus, aí é manifesta a obra do Espírito, e Deus Se revelará a essa alma. A tais adoradores Ele busca. Espera recebê-los, e torná-los Seus filhos e filhas.”<sup>6</sup>

Quando Jesus foi pregado na cruz, o véu do templo rasgou-se de alto a baixo. O serviço realizado no templo cumpriu o seu propósito. A realidade veio. Daquele dia em diante, qualquer homem podia aproximar-se de Deus sem o ministério do sacerdote (Apoc. 1:6). Essa experiência não se limitou a uma parte geográfica. Em qualquer lugar da Terra, o homem pode se aproximar de Deus em espírito e em verdade. Essa tremenda realidade tem uma grande implicação para o culto divino. Templos, altares, sacrifícios de animais, sacerdotes, vestimentas, tudo agora perdeu o seu significado. "Deus não poderia fazer nada mais pelo homem por meio desses veículos. Todo o sistema devia ser banido."<sup>7</sup>

Mas não era somente com o serviço do templo que Jesus estava desgostoso. Desde o retorno do exílio babilônico, começaram os judeus a desenvolver as sinagogas.

Com efeito, as sinagogas se tornaram as igrejas locais. Eram localizadas em cada comunidade, onde o povo poderia adorar a Deus pessoalmente e em corporação, semana após semana ou mesmo diariamente, sem as longas caminhadas ao templo e sem os sacrifícios. Dessa forma, tornou-se o centro de atividades religiosas da comunidade, oferecendo um culto mais racional do que o templo.<sup>8</sup>

O Talmude declara que, somente na cidade de Jerusalém existiam 480 sinagogas, o que dá uma idéia da sua popularidade e influência.<sup>9</sup>

Jesus freqüentava a sinagoga e, logicamente, também visitava o templo. Foi numa sinagoga que Ele pregou um dos Seus primeiros sermões (Luc. 4:16-30). Contudo, Ele não estava satisfeito com o tipo de culto que via. A Sua mais enfática condenação foi aos que amavam e buscavam os primeiros lugares na sinagoga (Mat. 23). Ele falou daqueles que "gostavam de orar em pé nas sinagogas" (Mat. 5:5). Veementemente criticou as "vãs repetições".

O culto na sinagoga, no tempo de Cristo, consistia de invocação, uma oração principal recitada pelo povo, sob a liderança de um membro oficiante da congregação, orações voluntárias especiais de acordo com o dia, oferecida pelos guias, intercaladas com orações principais, orações curtas chamadas de "atribuições" e ações de graças. Muitas dessas orações, na verdade a maioria, tinham-se tornado fixas, tanto na forma como no conteúdo, para propósitos litúrgicos. Eram citadas pela memorização e passavam de um para outro pela tradição oral.

Os rabinos desenvolveram igualmente uma diretriz para os movimentos e atitudes, durante a oração, que eram meticulosamente seguidos. Os líderes e o povo em geral repetiam as mesmas orações através dos mesmos procedimentos e atitudes, sábado após sábado. Para resolver essa situação, Jesus disse: "Portanto, vós orareis assim..." (Mat. 6:9), ensinando-lhes a Oração do Senhor. Até o presente Seus seguidores a usam como oração formal repetida sempre na memória. Foi dada, não para ser repetida, mas como um exemplo, para mostrar a forma e o conteúdo de uma oração espontânea, o que também não significa que a oração modelo nunca deva ser repetida.

Apesar do modelo da sinagoga nos dias de Jesus ser condenado por Ele em muitas maneiras, na Igreja cristã seguia-se a liturgia judaica que não era o modelo. Cristo veio estabelecer alguma coisa completamente diferente. Ele reconhecia, tal como os profetas do Antigo Testamento, a importância ética do culto. Ensinou isso de maneira dramática, quando disse: "Se, pois, ao trazes ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faz a tua oferta" (Mat. 5:23 e 24).

Aqui está a descrição de um verdadeiro culto, de como deve ser praticado. Primeiro, deve ser consentado o que está errado e, depois, ser então apresentada a oferta. Não é o caso de se esperar ou deixar para depois, mas deve-se ir imediatamente colocar a vida em dia. Depois, ir comungar com Deus. Essa natureza do culto é completamente diferente do que estavam acostumados a fazer os judeus, no tempo de Jesus.

O que os profetas ensinaram séculos antes Jesus procurou colocar em prática. O orgulho próprio, o ódio, a impureza, tudo deve ser retirado antes de uma devida comunhão com Deus.

A atitude de Jesus referente à tradição de purificação, o lavar das mãos, também é muito significativa. Ele estava mais preocupado com o interior do que simplesmente com as formas exteriores. "É o mau ato, a palavra ou o pensamento mau, a transgressão da lei de Deus, não a negligência de cerimônias externas criadas pelo homem, que o contamina."<sup>10</sup>

Já no fim da vida do Mestre, na Terra, Ele empregou três símbolos que têm sido usados pelos cristãos no seu serviço de culto. Os dois primeiros, o pão e o vinho,

são usados aproximadamente por todas as comunidades cristãs. O outro é a toalha, usada por muitíssimo poucos cristãos. Esses símbolos são eloqüentes em sua simplicidade. O pão e o vinho falam do alimento; e a toalha, da limpeza. Ao estabelecer o serviço da comunhão, Jesus tentava mostrar a Sua graça, a necessidade de haver amor redentivo, um memorial de vida, trabalho e morte por Seus seguidores. Jesus estabeleceu uma nova forma de culto, que partia do sistema do Antigo Testamento, o qual serviu para o seu propósito. Além de essa forma de culto conter os ensinamentos dos profetas, o seu conteúdo era novo, pois o Desejado de todas as nações tinha vindo. Esse fator completamente diferente foi simbolizado na Ceia do Senhor, uma contínua lembrança da expiação realizada por Ele.

Esse novo tipo de culto afetou sobremaneira os seguidores de Cristo, após Sua partida. A primeira reunião que tiveram depois da ascensão foi marcada por orações e súplicas. Na segunda reunião, houve o derramamento do Espírito Santo, com o sermão de Pedro, resultando num batismo em massa. Afirma Atos 2:42 que eles continuaram "na comunhão, no partir do pão e nas orações".

Eles faziam os seus cultos no templo, em casas particulares, constituídos de ações de graças e testemunhos pessoais. Os sermões eram feitos nos lugares mais estranhos, como diante do Sinédrio, apesar do apedrejamento público, e mesmo nas prisões; em qualquer lugar onde demandava a necessidade do momento. A ênfase era colocada no testemunho da ressurreição de Cristo. A Santa Ceia era celebrada, às vezes, de maneira imprópria. Incluía tudo, leituras diversas da Bíblia, cânticos, ofertas, orações, expressões de êxtase, batismos, testemunhos, etc.

Oscar Cullman menciona que "no livro de Atos (Atos 2:42 e 46; 20:7) a instrução, pregação, oração e o partir do pão são mencionados de maneira tão clara que esses elementos eram, desde o início, o fundamento de todo o culto da comunidade cristã".<sup>11</sup>

Consoante ao culto apóstólico, Ilion T. Jones menciona: "Admite-se que a norma do culto da sinagoga era seguida na sua formação geral, mas o culto cristão era alguma coisa mais. Não era um culto da sinagoga à forma do qual foi acrescentada o que no futuro se chamaria a Ceia do Senhor; ele contém um novo ingrediente de diferente qualidade e força. Por não ter melhor termo, chamaremos esse novo in-

grediente de 'espontaneidade'. Isso era o que punha 'vida' no culto do Novo Testamento, que o tornava dinâmico, entusiasmado, íntimo, amável, e que o distinguia dos outros tipos de culto."<sup>12</sup>

Por contraste, o culto do templo não deixou nenhuma marca no culto cristão, principalmente por duas razões. Primeira, a grande maioria dos judeus da Diáspora nunca assistiu a um culto no templo. Mesmo na Palestina, o verdadeiro culto de adoração, no tempo de Cristo, acontecia nas sinagogas. Para os cristãos gentios, o templo significava muito pouco. Segunda razão, cerca de 40 anos depois de Jesus ter sido crucificado, o templo foi destruído pelos romanos e nunca mais foi reconstruído. A sinagoga, porém, permaneceu.

Enquanto no templo a lei era mais enfatizada, na sinagoga o foco era maior nos escritos dos profetas. Foi por isso que Jesus, ao entrar num sábado, "segundo o Seu costume, na sinagoga, levantou-Se para ler. E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías" (Luc. 4:16 e 17).

William D. Maxwell apresenta os seguintes pontos do culto cristão diretamente desenvolvido na sinagoga:

1. Leitura e ensino das Escrituras (I Tim. 4:13; I Tess. 5:27; Col. 4:16).
2. Salmos e hinos (I Cor. 14:26; Efé. 5:19; Col. 3:16).
3. Orações comuns (Atos 2:42; I Tim. 2:1 e 2).
4. O "amém" pelo povo (I Cor. 14:16; Atos 20:7).
5. Confissão de fé – não necessariamente uma recitação formal de um credo (I Cor. 15:1-24; I Tim. 6:2).
6. Assistência aos pobres, possivelmente oferta (I Cor. 16:1 e 2; II Cor. 9:10-13; Rom. 15:26).

Outros itens foram acrescentados pelo cristianismo:

1. Celebração da Santa Ceia (I Cor. 10:16; 11:23; Mat. 25:26-28; Mar. 14:22-24; Luc. 22:19 e 20).
2. Oração de consagração, incluindo ações de graças (Luc. 22:19; I Cor. 11:23; 14:16; I Tim. 2:1).
3. Lembrança da morte e ressurreição de Cristo (Atos 2:42; Luc. 22:19; I Cor. 11:23, 25 e 26).
4. Intercessão (João 17).
5. Oração do Senhor, possivelmente recitada (Mat. 6:9-13; Luc. 11:2-4).
6. Separação entre homens e mulheres, homens com a cabeça descoberta, e mulheres com véu na cabeça (I Cor. 11:6 e 7).

7. Oração feita em pé (Fil. 1:27; Efé. 6:14; I Tim. 2:8).<sup>13</sup>

### Culto e serviço

Gaines Dobbins, do *Golden State Seminary*, apresenta excelentes pensamentos a respeito do culto e seu significado no Novo Testamento.<sup>14</sup>

Segundo ele, no primeiro século, os cristãos reuniam-se a fim de conservar-se em contato com a realidade. Viviam debaixo de circunstâncias difíceis. Os cristãos testemunhavam a despeito de tudo. Dentro da própria igreja haviam dissensões e heresias. O culto tinha que ser conservado e compreendido sem amortecer o ardor e o entusiasmo, o que poderia levá-los ao fanatismo e aos extremos. O batismo e a Ceia do Senhor tiveram que ser guardados para não serem pervertidos. A salvação pela graça de Deus em Cristo através do arrependimento e somente pela fé, teve que ser mantida a despeito de todas as contenções judaizantes.

Quando a igreja se reunia não era para ouvir um sermão e cantar louvores e ações de graça, era uma questão séria em que todos os crentes batizados tinham o privilégio e a responsabilidade de participar. E essa participação era a essência do culto. Buscavam a orientação divina e a vida da igreja era relevante aos interesses do homem. Os cristãos do primeiro século reuniam-se para edificação. Era reconhecido que os cristãos necessitavam de ser edificados e crescer. Seguiam o exemplo de Cristo que percorria "todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas deles, e pregando o evangelho do Reino, curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo" (Mat. 9:35).

O culto era o coração pulsante da igreja.

Como foi que se deu o crescimento do cristianismo? De acordo com a prática de Jesus, ensinando, pregando e curando. Seguindo o exemplo de Jesus, os cristãos devem sair do culto prontos para essas atividades. No entanto, para ensinar, alguém deve ser primeiramente ensinado. Se vai pregar, deve primeiro ouvir a pregação. Caso se dedique ao ministério da cura, deve ser curado primeiro. Isso era o coração do propósito de expansão da Igreja cristã. Uma igreja de poder é constituída de membros que se reúnem em espírito de culto, para serem ensinados, inspirados, e que saiam para levar aos outros aquilo que eles mesmos receberam.

Parece que Dobbins acertou quanto à essência do culto no Novo Testamento.

Referências a respeito do culto cristão daquele tempo mostram-nos que o serviço religioso era extremamente variado em sua forma. Os cristãos talvez participassem das reuniões de reavivamento, de conferências evangelísticas, de reuniões de negócios, de serviços e testemunhos, reuniões de oração, ou serviço missionário. O povo que atendia às reuniões tinha que enfrentar dois problemas imediatos: a sobrevivência e o testemunho. O problema deles era o de uma pequena e odiada minoria que tentava promover e difundir sua mensagem entre um mundo indiferente e hostil.

Eles não iam à igreja para serem anestesados, mas buscando ser revigorados e adquirir forças. Reconheciam que tinham uma missão a executar, e o culto deles era centralizado em Cristo, o autor dessa missão. Com isso em mente, Dobbins declara ainda que o "culto no Novo Testamento era inseparavelmente relacionado com o serviço".<sup>15</sup> E foi justamente isso que Jesus introduziu diferentemente no culto cristão.

Jamais devemos introduzir uma filosofia de culto completamente divorciada das realidades das atividades cristãs. Cremos que o culto do Novo Testamento, o qual deve ser nosso modelo, era caracterizado pela devoção e difusão da mensagem. O culto não é puramente estático; é também estético. Deve ser bonito, ordenado, mas também maravilhosamente funcional. ☆

#### Referências:

- 1 Andrew W. Blackwood, *The Fine Art Public Worship*, pág. 31.
- 2 *Seventh Day Adventist Bible Commentary*, vol 1, pág. 244.
- 3 Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, pág. 358.
- 4 \_\_\_\_\_, *Profetas e Reis*, págs. 303 e 304.
- 5 \_\_\_\_\_, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 157.
- 6 *Ibidem*, pág. 189.
- 7 *Ibidem*, pág. 36.
- 8 Iliou T. Jones, *A Historical Approach To Evangelical Worship*, págs. 32-35.
- 9 *The New Schaffherzog Religious Encyclopedia*, V. 11, pág. 312.
- 10 Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 397.
- 11 Oscar Cullman, *Early Christian Worship*, pág. 12.
- 12 Iliou T. Jones, *Op. Cit.*, pág. 85.
- 13 William D. Maxwell, *Na Outline of Christian Worship its Developments and Forms*, págs. 4 e 5.
- 14 Gaines Dobbins, *The Churchat Worship*, págs. 18-20.
- 15 *Ibidem*, pág. 33.



# Feche a porta dos fundos

RENÊ SAND

*Diretor associado de Ministério Pessoal e Escola Sabatina da Divisão Sul-Americana da IASD*



Divulgação

**P**or que escrever sobre formas de prevenir apostasia?

Para nós, a pregação do evangelho é o eixo em torno do qual a Igreja se move. Entendemos que isso é a razão pela qual Cristo a instituiu. Sua missão é pregar o evangelho a toda nação, tribo, língua e povo, e, ao concluir essa tarefa, será substituída pelo reino eterno de Cristo.

Uma das coisas maravilhosas da Igreja é que ela sempre está empenhada em atrair conversos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, em número cada vez maior. Jamais devemos perder essa mentalidade, pois assim perdemos nossa razão de existir.

Mas, se a Igreja retivesse todas as pessoas que batiza, quantos membros teria hoje? Aqui reside a questão crucial. Pretendemos tratar desse tema numa perspectiva prática, fundamentada na experiência do dia-a-dia da Igreja. Não vamos centralizar a discussão sobre o problema em si, mas no que fazer para evitá-lo. Propomos uma vacina e não medidas paliativas, pensando na premissa de que “é melhor prevenir do que remediar”.

## Causas

Geralmente quando alguém se refere à necessidade de prevenir apostasias, surge o pensamento de estudar mais as doutrinas características da Igreja, a fim de confirmar os crentes. É costume, no final de uma campanha evangelística, estabelecer-se uma classe de estudos mais avançados com tal objetivo. É claro que toda iniciativa para estudar e conhecer melhor a Bíblia é sempre bem-vinda; porém, a apostasia não é basicamente um problema de falta de conhecimento dos ensinamentos doutrinários, considerando que existem apóstatas entre pessoas de elevado conhecimento bíblico.

A apostasia é fundamentalmente um

problema social, não teológico. Apenas 2% das pessoas que deixaram a Igreja, fizeram-no por desacreditar nos seus ensinamentos. Os 98% restantes abandonaram a fé porque tiveram problemas de relacionamento e, geralmente, o expressam afirmando: “na igreja não existe amor”; “ninguém se preocupou comigo quando eu estava com problemas”; “senti-me só, já que perdi meus amigos, ao tornar-me um crente”; “na igreja há grupos de amigos muito fechados que não dão oportunidade a outros”.

Vivemos em um mundo superpovoado. Estamos numa era de comunicações rápidas, por meios inimagináveis em outros tempos. O êxodo rural tira as pessoas do campo e forma aglomerações nas cidades, que assim crescem de forma descontrolada. Paradoxalmente, as pessoas sentem-se cada vez mais solitárias. E é bom lembrar que a igreja está cheia delas: são viúvos, divorciados, solteiros, indivíduos que refletem a realidade do mundo e estão em busca de solução para seus problemas.

A solidão é uma doença generalizada no mundo atual porque o homem não foi feito para viver só. Deus mesmo disse: “Não é bom que o homem esteja só” (Gên 2:18). E isso vai além do casamento, pois um homem e uma mulher não terminam em duas pessoas. Na verdade, são a base, a família, a célula da sociedade. Fomos criados para viver em sociedade, e isso é uma necessidade a que chamamos de instinto gregário.

A sociedade está procurando solucionar o problema e sugere diferentes formas de ação. A ciência tem sua forma de buscar resolver esta enfermidade social tão generalizada, através da Psiquiatria e a Psicologia. Existem profissionais dotados de preparo que se dedicam a ouvir as pessoas e orientá-las a encontrar solução para suas inquietudes. No entanto, acima de todo o esfor-

ção e engenhosidade humanos está o exemplo de Jesus Cristo. Tudo o que estivesse relacionado com o bem-estar humano, social e individual, Lhe dizia respeito. Era uma pessoa profundamente social e fazia com que os que quisessem estar com Ele se sentissem muito bem. Usou um método que não pode apenas ser melhorado, mas seguido com total certeza de êxito: empatia.

Se há uma instituição que não pode falhar em aplicar e desenvolver esse método é justamente a Igreja.

## A voz das pesquisas

Estudos realizados na área de crescimento de igreja revelam dados nunca antes conhecidos, que ajudam a encontrar as causas de alguns problemas detectados nas congregações. Um desses estudos mostra que, nos primeiros seis meses após seu batismo, uma pessoa define se permanece ou não na igreja. Caso nesse período ela receba da igreja amigos, em substituição aos amigos e familiares que porventura a abandonaram por causa da fé que abraçou, é certo que permanecerá. Do contrário, irá embora.

Outra pesquisa revela que uma pessoa recém-batizada luta por dois anos para integrar-se à nova família da fé. Nesse período, seus familiares ou amigos tornam-se crentes ou a igreja lhe dá novos amigos. Se isso não acontece, vai buscar suprir tal necessidade fora da nova comunidade.

Analisemos de forma prática a experiência de um novo membro da igreja que batizou-se num fim de semana qualquer. É o único adventista da casa, enfrenta oposição familiar, os amigos se afastaram, porque seu estilo de vida agora é completamente novo. Na primeira sexta-feira à noite, depois de batizado, deseja fazer o culto de pôr-do-sol, afastar-se de tudo o que interfere em sua relação com Deus. Mas a família escuta as mesmas músicas de antes, liga o aparelho de TV, alimenta o mesmo tipo de conversa. O que fazer? Vai a um lugar reservado em casa, faz seu culto particular, medita, come algo e vai deitar-se mais cedo do que o habitual.

No sábado, chega cedo à igreja, senta-se em algum lugar que acaba sendo sua classe na Escola Sabatina. O professor que, por acaso, não assistiu ao batismo, faz as anotações de praxe e pergunta-lhe se é visita. Ele não entende nada; no dia do batismo o chamaram "irmão", cumprimentaram-no com simpatia, entregaram-lhe um brinde, fizeram festa.

No final do culto, todos os conhecidos o saúdam, formando um círculo de ami-

gos ao seu redor, com aquelas conversações tão benéficas e necessárias, próprias do encontro sabático e que preenchem nossas necessidades sociais. Em seguida vai para casa, recolhe-se ao seu ambiente, descansa um pouco até a hora de ir ao Encontro Jovem. Ao fim do programa, acontece algo maravilhoso na igreja, a atividade social do sábado à noite com aqueles grupos de amigos, conversando com alegria, compartilhando os acontecimentos positivos e negativos, brincando juntos.

Mas onde será encaixado o novo converso nessa feliz confraternização? Ai os grupos são mais fechados que nos encontros fortuitos após o culto. E ele caminha por entre diferentes grupos e atividades por um momento, mas não recebe tanta atenção como imagina receber. Há tanta gente se confraternizando, ele ainda está só, e vai para casa mais cedo. O que irá fazer? Os amigos do passado já o deixaram. A família não o aceita bem e o acusa de ter-se tornado um anti-social e tedioso. Resta-lhe a solidão.

Quando está alegre, com quem vai partilhar essa alegria? Estando triste, com quem pode contar? Ao fazer projetos, com quem vai aconselhar-se? Suas necessidades sociais precisam ser atendidas e, por isso, a igreja precisa criar um programa para receber esses novos irmãos, compensando o que eles "perderam" ao aceitar a Cristo, comprometendo-se a abraçar um novo estilo de vida.

A consciência de que o trabalho em favor de uma pessoa não acabou quando ela é batizada precisa desenvolver-se de forma muito clara na igreja, se queremos que a porta da apostasia se feche definitivamente. Isso é algo tão importante como dar estudos bíblicos aos que não conhecem a Cristo. Nosso objetivo não é apenas batizar pessoas, mas salvá-las. O batismo é apenas parte desse processo. É preciso integrar o indivíduo à igreja, fazer dele um discípulo através da convivência cristã.

## Responsabilidade individual

Geralmente falamos sobre o que a Igreja deve fazer para evitar apostasias; mas a Igreja somos todos nós. Sou eu. Então deveria ser minha preocupação o que devo fazer para ajudar a solucionar o problema. Se ofereço minha amizade à pessoa que foi recentemente batizada, estarei contribuindo para que ela permaneça na congregação. Mas que implicações tem esse meu gesto? Talvez precise estar disposto a pagar algum preço, mudar algumas atitudes em minha maneira de ser. Não devo, por

exemplo, imaginar que tendo meu círculo de amigos, com os quais me sinto bem e sou feliz, não preciso de mais amigos. Pode até ser verdade, mas devo lembrar que o necessitado não sou eu, mas o novo irmão. Devo pensar nele e suas carências.

A possibilidade de fazer um novo amigo tem seus riscos: não conheço a pessoa, nem sei se meus velhos amigos aceitarão mais um em nosso círculo. Devo estar disposto a superar essas barreiras, em favor da salvação do irmão recém-chegado à igreja. Isso é trabalho em favor da salvação de outros. Preciso abrir meu círculo social dentro da igreja, para que entrem novas pessoas. A família aumentou, precisa de novos ajustes. Que tal programarmos refeições, recreações e excursões onde possamos estar juntos? Ou ficarmos atentos às dificuldades, doenças, problemas financeiros que requerem nossa ajuda? Somos nós os que temos de estar presentes em tais situações. O novo converso talvez não tenha mais os velhos amigos.

Ao procurar integrar o novo converso à comunidade de crentes, procure descobrir seus interesses, suas preferências, planeje atividades sociais de tal forma que ele se sinta à vontade e feliz.

## Bases espirituais

A gestação de um filho de Deus é um processo que vai do momento em que se estabelece um contato, passando pelo despertar do interesse no evangelho, estudos bíblicos, decisões, até o nascimento que é o batismo. Ai temos o bebê espiritual, que precisa aprender a viver como um adventista do sétimo dia. A mãe, isto é, a igreja, através de seus membros agindo como amigos, lhe ensinará o estilo de vida adventista, desde as práticas mais simples às mais exigentes. Isso tem de ser feito com o mesmo amor, paciência, carinho, tolerância e perseverança que os pais utilizam em relação aos respectivos filhos.

Quantas coisas sabemos fazer, ao nascermos? Não sei o seu caso, porém, eu fazia poucas coisas: comer, dormir, chorar. Daí em diante tive que aprender tudo o que sei; e ainda tenho muito a aprender. Quanto tempo levamos para aprender o básico e conduzir-nos sozinhos através da vida?

Tratando com os recém-nascidos da igreja, devemos manter o equilíbrio, já que muitas vezes pensamos que pelo fato de serem pessoas adultas, sabem fazer muitas coisas. Inclusive, podem ser profissionais de sucesso. Entretanto, no aspecto espiritual e no estilo de vida que a

Bíblia nos ensina, não possuem experiência. Pelo contrário, têm que desaprender muita coisa que por anos praticaram, as quais, muitas vezes, são mais difíceis de ser esquecidas do que o aprendizado de novos hábitos.

Nesse processo de aprendizado, o novo converso, em alguns momentos necessitará do carinho e paciência de alguém disposto a orientar. É desesperador quando um novo crente não está, por exemplo, vestindo-se de acordo com os padrões da igreja. O pior é quando surgem alguns "guardiães dos princípios", "pais da igreja", "mães do Israel moderno", dizendo: "olhem o recém-batizado, vejam como ainda se veste!". É normal que o novo converso ainda se confunda um pouco com o tipo de vestimenta que usa em diversos lugares, apesar de ser uma pessoa adulta. Pode ser que ainda não absorveu devidamente o ensinamento, ou nem tenha os trajes adequados, nem tenha condições de adquirir novas roupas. Está apenas usando o melhor que tem e fazendo o melhor que sabe. Mas um amigo, com tato e muito amor vai orientá-lo a viver como um adulto espiritual.

Até pouco tempo, o novo converso se divertia como o mundo. Agora precisa ser diferente e não sabe muito bem como fazê-lo. Necessita de recreação como qualquer pessoa e certamente vai procurá-la. O que acontecerá se um dia ele for visto em algum lugar inadequado, participando de algo que não condiz com os nossos princípios? Será motivo para um escândalo? Alguém deverá perguntar-lhe: "quem lhe deu estudos bíblicos não lhe ensinou ser isso errado?" Lembremo-nos, trata-se apenas de um bebê espiritual. Quantas vezes temos de repetir aos nossos filhos o que desejamos que façam até que eles aprendam?

A melhor solução não seria levar o assunto à comissão da igreja, mas considerar a necessidade de alguém que se ponha ao seu lado e ensine, por preceito e exemplo, a maneira de recrear-se como a Bíblia orienta.

Mesmo que tenha sido orientado, durante os estudos bíblicos, que todas as compras devem ser feitas até à sexta-feira, e que entre o pôr-do-sol desse dia e o de sábado não compramos nem vendemos, pode acontecer de num sábado pela manhã, o novo converso chegar à igreja com alguns produtos comprados na feira que ficava entre sua casa e o templo. Aproveitou o trajeto, e ainda pede ao diácono para guardá-los até o fim do culto. O bebê apenas fez algo errado e o escândalo maior seria esbravejar com ele na porta da

igreja. Alguém terá de ensiná-lo, com paciência, amor, perseverança.

Sim, alguém precisará ensinar-lhe a trabalhar, descansar, namorar, educar os filhos, etc., como adventista do sétimo dia. Na vida real, leva cerca de dois anos até que nossos filhos aprendam a conduzir-se sozinhos e a defender-se por si próprios. Assim é com os que nascem no reino de Deus. Para isso, requer-se muito amor, tato e paciência com os que se converteram recentemente.

## Anciões e diáconos

O ancião é o pastor local escolhido pela congregação para pastoreá-la. Quando Jesus Cristo indagou a Pedro se este O amava, por três vezes recomendou-lhe que apascentasse o rebanho, incluindo os cordeiros. Em nossa temática, os cordeiros são os mais novos da congregação. Nossa prioridade deve ser atendê-los.

No livro de Atos 20:17-38, está registrado o último encontro de Paulo com os anciãos de Éfeso. Naquela ocasião, o apóstolo recomendou-lhes o cuidado da igreja, já que não voltaria a vê-los.

Assim, biblicamente falando, o responsável pelo pastoreio da congregação local é o pastor que ela mesma escolhe, o ancião. Evidentemente o pastor indicado pelo Campo tem a responsabilidade maior por todo o distrito, e deve treinar os pastores locais para ajudá-lo a ministrar as necessidades do rebanho. O ancião da igreja precisa ter um cuidado muito especial pelos recém-batizados; tomando providências para que a igreja se organize de tal forma que as pessoas não se sintam sozinhas. Que possam ter contato com o maior número possível de membros, e, dessa forma, encontre amigos em substituição àqueles que ficaram para trás.

Que medidas práticas pode o ancião tomar no sentido de cumprir seu papel de guardião dos bebês espirituais? Sugerimos algumas:

1. Dar atenção especial aos recém-batizados e às visitas. Nos dias de culto, deve saudá-los com entusiasmo, sinceridade, simpatia e amor cristãos, demonstrando real interesse em seu bem-estar.

2. Estabelecer e cumprir um plano de visitação sistemática aos recém-convertidos. A princípio, uma visita semanal; depois, uma a cada duas semanas; então, uma a cada mês, até que estejam firmes e especialmente tenham consolidado amizades entre os irmãos. Caso o novo crente falte aos cultos, deve ser visitado imediatamente. Pode ser que esteja enfrentando problemas.

3. Coordenar todas as atividades da igreja, de maneira que crie espaço para integração dos novos membros. Isso inclui as atividades sociais, missionárias, serviço comunitário, lar e família, etc.

4. Aproximar os novos membros dos mais antigos. Alguns irmãos podem se sentir esquecidos, ao verem que os novos recebem muita atenção. O ancião deve equilibrar o procedimento, fazendo com que os mais velhos compreendam também a sua responsabilidade pelo cuidado dos mais novos.

Os diáconos e diaconisas também são uma grande bênção na assistência às necessidades dos crentes. Para isso foram instituídos nos dias apostólicos (Atos 6:1-7). Sem dúvida representam uma forma magnífica no processo de "fechar a porta dos fundos" da igreja, impedindo o êxodo de membros. Há algumas tarefas específicas que eles podem realizar, como as seguintes:

1. Dar boas-vindas aos que chegam. Essa tarefa, realizada com um sorriso e uma saudação carinhosa, conquista a confiança das pessoas, fazendo-as sentir que o amor da igreja está à sua disposição.

2. Executar um plano de atendimento às necessidades dos membros. Após o batismo, o novo crente deve ser visitado pelos diáconos e diaconisas. A princípio, devem receber uma visita semanal, na qual tornam-se conhecidas as necessidades e providências para a satisfação delas.

3. Integrar os novos conversos. Eles podem ser convidados a acompanhar nas visitas, especialmente a idosos, enfermos, viúvas, etc., o que despertará no recém-batizado o desejo de servir também a esses irmãos. A terapia ocupacional é o remédio que Deus nos deixou contra o desânimo. O altruísmo é uma virtude divina que todos devem desenvolver.

4. Ensinar-lhes a cuidar das necessidades físicas da igreja. Sempre existe alguma melhora que precisa ser feita no aspecto físico do templo que pode ser executada pelos membros. Participar desses mutirões representa uma bênção para os novos conversos. O amor e o carinho desenvolvidos pelo envolvimento na manutenção da casa de Deus gera um apego à igreja; aquele sentimento de que "ali coloquei o melhor de mim para o bom Deus. Ali está meu esforço, minha boa vontade. Ali é a minha casa. Permanecerei ali".

Sentir-se útil é um fator que contribui para a felicidade de qualquer pessoa. Diáconos e diaconisas tornam felizes os novos membros quando os integram nas diversas atividades em favor dos demais membros da igreja. ☆

# Elite de fiéis

JOSÉ CÂNDIDO BESSA FILHO

*Secretário ministerial e evangelista, jubilado, reside em Brasília, DF*



Divulgação

**A** guerra cósmica continua já por longos milênios. Está em sua etapa final; e, por ser assim, o inimigo desfecha toda a sua ira, tornando a batalha ainda mais cruel, violenta e destruidora. A ira satânica atua com tal impiedade que não mais são encontrados adjetivos suficientes para descrever a carnificina diária que enche toda a Terra. Ele está usando todos os meios para tornar populares o ciúme e o vício degradante.

Essa guerra foi iniciada no Céu. Um ser não pertencente à nossa galáxia, ao nosso sistema planetário, é o responsável pelo estilo de vida aqui implantado. Criado perfeito em todos os seus caminhos, ele permitiu que o mal brotasse em si. Sentimentos ocultos proliferaram com tal intensidade, levando-o a promover uma revolta.

Por toda a eternidade, anjos e habitantes dos mundos em todas as galáxias sempre criam e aceitavam que o caráter de Deus era amor; que Seu governo era justo, e a santa lei de Deus era o fundamento do governo no Céu e na Terra, bem como em todo o Universo. Em sua peregrinação, Satanás insurgia-se contra o caráter, o governo e a lei do Senhor. Rotulava o governo de Deus como déspota, ditatorial e intransigente. Dizia também que a lei não mais satisfazia os reais anseios e necessidades das criaturas do Universo.

## Queda e salvação

Lamentavelmente, houve um planeta que não resistiu à astúcia, ao engano e mentira ousadamente apresentados, caindo presa dos ardis satânicos. Esse fato imprimiu nos demais seres uma pequena dose de dúvida quanto a ser ou não verdade o que fora insinuado pelo anjo rebelde. O perigo rondava por toda a parte. E uma questão primordial expunha-se: como salvar não apenas o planeta dominado, mas também o Universo, restaurando a credibilidade no caráter, governo e na lei de Deus?

Onisciente que sempre é, Deus já tinha elaborado um plano especial: se algum dia, em algum lugar do Universo, um dos seres

criados promovesse alguma rebelião, pon-do em perigo a segurança e a sobrevivência de Suas criaturas, o plano seria executado. Esse projeto previa mostrar toda a grandeza do amável caráter de Deus, o amor e a justiça que eram características de Seu governo e da Sua lei.

Aos rebelados aqui no planeta Terra, entre outras conseqüências, pesava o espectro da morte. O plano divino estabelecia a restauração dos pecadores, lançando sobre Seu próprio Filho o salário do pecado. Assim aconteceu.

Era preciso dar tempo ao tempo. O mal instalara-se no mundo com toda a sua maligna crueldade. O amável e eterno plano de Deus, estabelecido desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade, teve seu momento máximo quando no Calvário foi plantada uma cruz. Então, pelo menos dois propósitos foram alcançados: primeiro, franquear a salvação e o perdão a todos os homens. Segundo, salvar o Universo, retirando da mente dos habitantes de outros mundos qualquer resquício de dúvida a respeito do caráter, do governo e da lei de Deus.

A validade do plano seria demonstrada por aqueles que, uma vez tendo sido escravos do pecado, ao aceitá-lo, passariam a viver um novo estilo de vida, compatível com os ensinamentos divinos. Cada vida transformada e restaurada seria um testemunho poderoso ao Universo inteiro de que Deus é sempre amor. Tudo o que faz é por amor. Em tudo o que requer de nós revela amor.

## Desafio e resposta

Deus tinha mais para dizer ao Universo através das vidas transformadas. Mostraria até onde poderiam crescer em fidelidade e santidade os que fossem salvos por Seu amor. Formou-se então uma elite de fiéis. Iniciada com Abel, o justo, teve continuidade em José, o que foi vendido como escravo, Moisés, o varão mais manso, os três jovens que apagaram a força do fogo da vaidade de

Nabucodonosor, Daniel, que não se intimidou diante da fúria dos leões famintos. Também houve, sempre haverá, representantes do ministério da mulher: Sara, Joquebede, Ana, Débora, Ester, Maria, e outras. Os componentes dessa elite receberam os aplausos do Universo por não terem amado a própria vida, mesmo em face da morte.

Foi em um desses fiéis que Deus encontrou, certa vez, um grande trunfo para desmascarar as acusações de Satanás. Em Sua palavra, o Senhor dá a descrição de um homem próspero, cuja vida foi, no mais profundo e exato sentido da palavra, um sucesso. "Homem este que tanto o Céu como a Terra se deleitavam em honrar" – *Educação*, pág. 142.

Este era ninguém menos que o patriarca Jó. "Das profundezas do desencorajamento e desânimo Jó se levanta para as alturas da implícita confiança na misericórdia e no poder Salvador de Deus." Afinal, "esperança e coragem são essenciais ao perfeito serviço para Deus". "O desânimo é pecaminoso e irrazoável" – *Profetas e Reis*, págs. 163 e 164.

Tudo começou quando delegados dos mundos que nunca pecaram foram convocados para um concílio, um encontro, com o Senhor Deus do Universo. Podemos imaginar cada um daqueles representantes recebendo um crachá com seu nome e origem. Quem sabe, levavam uma agenda descritiva de como iam as coisas em seus respectivos territórios, um verdadeiro dossiê. Um dos que ali se encontravam era Lúcifer.

Feitas as apresentações dos presentes, o Senhor dirigiu-Se a Lúcifer, perguntando-lhe: "Donde vens?" E ele respondeu: "De rodear a Terra e passear por ela." (Jo 1:7). Em seguida, Lúcifer pediu permissão para mostrar à augusta assembléia os progressos obtidos no planeta. Armou um telão e um projetor de vídeo. Silêncio completo, enquanto ele enumera as conquistas: visita à Lua, artefatos eletrônicos para fotografar Marte, Júpiter, Mercúcio, etc; andamento do processo de construção de uma estação espacial, comunicação via satélite, progressos na área de informática. Internet, telefone celular, entre outros feitos. Na área da saúde, foram realizados transplantes e implantes de órgãos. Na genética, a clonagem, e inseminação artificial; perspectiva de aumento dos anos da existência, até que ninguém mais vire pó.

O turismo cultural também não fica a dever: basta assistir ao desfile das escolas de samba, na Praça da Apoteose, no Rio de Janeiro, ao frevo do Recife, à timbalada e ao pagode, em Salvador.

E ainda há planos de visita a outros mundos, instalação de filiais com tecnologia de ponta. O FMI, o Bird, o City Bank e o Banco do Brasil possuem linhas de crédito para tudo.

Nesta altura, imaginemos que o som foi desligado e o Senhor dirigiu-Se, mais uma vez a Lúcifer. E perguntou: "Observaste o Meu servo Jó? Porque ninguém há na Terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal" (v. 8). O silêncio é quebrado por manifestações de vivas ao Senhor e a Seu servo Jó. Lúcifer demora a recuperar-se; não esperava por esta. Refeito, porém, contra-ataca perguntando com insolência: "Porventura Jó debalde teme a Deus? Acaso não o cercaste com sebe, a ele, a sua casa e a tudo quanto tem?" (vs. 9 e 10).

Satanás é um chantagista, embusteiro, aproveitador e enganador por excelência. "Jó é um privilegiado por Ti", ele argumenta, dirigindo-se a Deus. "Tu o cercaste com muitos bens; ele tornou-se o maior exportador de grãos do Oriente, possui rebanhos que somam a 11.500 animais; exporta matrizes para reprodução, tem muita gente a seu serviço. Tornou-se o maior do Oriente", acrescenta o enganador. "Estende, porém, a Tua mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema contra Ti na Tua face" (v. 11).

A Satanás foi permitido agir e, em pouco tempo, Jó tornou-se destituído de tudo e de todos os seus. Grande expectativa encheu o Universo. Mas, ao contrário de blasfêmia, Jó louva a Deus: "Nu saí do ventre de minha mãe, e nu voltarei; o Senhor deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!" (v. 21). À conclusão desse curto pronunciamento, o Universo e o Céu irromperam em aplausos, aleluias e vivas ao Senhor e a Seu servo Jó. O conceito do patriarca crescia grandemente. Cabisbaixo e desolado, Lúcifer ouve as aclamações ao maior do Oriente.

Não satisfeito, desferiu mais um ataque: "Estende, porém, a Tua mão, toca-lhe nos ossos e na carne, e verás se não blasfema contra Ti na Tua face!" (Jó 2:5). Jó começava a reerguer-se. De alguma forma começa a recuperar-se das perdas, semeando, adquirindo animais; logo estará em boa situação outra vez, rico e abastado. Mas o Senhor aceitou o novo desafio e, novamente, permitiu a ação do chantagista e enganador.

Agora, sentado no pó e envolvido em cinza, Jó raspava e limpava os cascões de suas fétidas e purulentas feridas. O Universo está em silêncio, expectante. O patriarca levanta a cabeça e exclama com sereni-

dade, em meio à recriminação da própria esposa: "Falas como qualquer doida; temos recebido o bem de Deus, e não receberíamos também o mal?" E mais: "Eu sei que meu Redentor vive"; "ainda que Ele me mate, nEle esperarei".

O Universo treme e estremece, ovaciona, aplaude e louva, bendizendo ao Senhor e ao Seu servo. Jó nunca foi tão grande como na ocasião em que foi despojado de bens e até mesmo da saúde. Ele não sabia que sua vida estava sendo avaliada, reivindicando o caráter, o governo e a lei do Senhor. Estava levando os habitantes dos mundos não caídos a solidificarem sua crença num Deus amoroso e justo, Senhor do Universo.

## A vitória final

Agora, bem ao final da última batalha, o Senhor está formando um grupo de salvos em todo o mundo. Uma elite de fiéis que não se deixa comprar ou vender, em cuja boca não se acha engano e mentira. Um grupo que lava e alveja suas vestes no sangue do Cordeiro, e que guarda os mandamentos de Deus. Não ama o mundo, não permite faltar óleo na lâmpada que o mantém desperto. Busca em primeiro lugar o reino de Deus e Sua justiça; resplandece em meio às trevas que cobrem a Terra e à escuridão que envolve os povos. É luz entre uma geração corrupta e perversa. Não se curva ante a Besta e sua imagem, nem recebe seu sinal. É um grupo formado por todos os assinalados e selados pelo Espírito. Não se trata de uma elite formada por esparsos fiéis ao longo da História.

Dentro em breve estará completo o número dos súditos do reino. E a Terra estremece. Um forte clamor de trombetas será ouvido, enquanto uma invasão de extraterrestres terá lugar em nosso planeta. Não estarão vindo de Marte ou Júpiter. São anjos do Senhor em majestade e glória. No comando estará Cristo, o vitorioso sobre o pecado, suas conseqüências e seu autor. Os ímpios depõem as armas, reconhecendo a Jesus como Aquele a quem insultaram, açoitaram, rejeitaram e a quem menosprezaram.

Logo a voz do Salvador ecoa poderosa; santos ressuscitam glorificados, ascendendo aos Céus. A salvação de Deus nos alcançou e ao Universo. É maravilhosamente confortador sabermos que, à semelhança de Jó, estamos provocando ovações e aplausos ao Senhor dos mundos, pelo estilo de vida confiante, esperançoso, paciente, íntegro e fiel, que declara a justiça e o amor como marcas do caráter de Deus, Seu governo e Sua lei. ☆

# Meu testemunho



Divulgado

Despedimo-nos de nossa filha Alini, às 15h15 do dia 08/03/99, em Salvador, BA. Ela voltava à Universidade Adventista del Plata, onde continuaria seus estudos em Psicologia. Às 23h48 daquele dia, telefonou-nos dizendo-se pronta para continuar a viagem, com dois colegas que foram buscá-la no aeroporto em Buenos Aires. Faria outra ligação, logo que chegasse à UAP, por volta das seis da manhã do dia seguinte. Não ligou.

Aprensivos, procuramos notícias, mas ninguém a viu ou sabia de nada. Por volta de 8h30, enquanto orava pedindo a proteção divina, minha esposa Nilza teve um lampejo de visão na qual viu nossa filha nos braços de um anjo, ficando assim despreocupada. Foi só por volta das 11h40 que a verdadeira notícia chegou: Alini e seus colegas sofreram um acidente. Estavam hospitalizados nas proximidades de Buenos Aires; ela, com várias fraturas. A UAP já providenciara a devida assistência, enviando para o local os pastores Jorge Matias e Rubén Pereira, respectivamente vice-reitor e capelão.

Voamos, minha esposa e eu, imediatamente também para o local, onde logo na chegada soubemos da morte dos colegas de Alini, os jovens Juan Goltz e Sergio Redondo. O estado da nossa filha era grave. Na UTI, respirava com ajuda de aparelhos, pois seu pulmão fora seriamente lesionado pelas costelas fraturadas. Caso superasse as próximas 48 ou 72 horas, tudo poderia ser diferente. Enquanto isso, uma grande parcela da maravilhosa família de Deus, na UAP e em várias partes do Brasil, intercedia por ela, em orações.

Deus, no entanto, tinha um plano diferente do que nossa finita vontade podia desejar, e dignou-Se revelá-lo em rápidas pinceladas a algumas pessoas que oravam e jejuavam. Uma delas viu nossa Alini resplandecentemente vestida, ao lado de Jesus. Outra ouviu, em sonho, após orar e conciliar o sono, o cântico de um hino no qual aparece a frase "o seu nome no livro escrito está". Foi em meio a tais experiências, que o Senhor a fez repousar no sono da morte, às 20h00 da sexta-feira dia 12 de março.

Um ano depois, posso afirmar, por experiência própria, que é possível tirar lições positivas de tragédias, por mais cruéis que sejam. A graça e a misericórdia do Senhor nos acompanharam em todos os momentos. A solidariedade da administração da UAP, dos colegas de Alini, do coral da Universidade, dos meus amigos e colegas de ministério; enfim, dos muitos irmãos que formam a família de Deus no Brasil e fora dele, foi um instrumento divino fundamental em prover-nos consolo e força numa ocasião muitíssimo dolorosa.

Pessoas que atuaram decisivamente na solução dos trâmites burocráticos, facilitando a trasladação do corpo para o Brasil, a proprietária do hotel em que estávamos hospedados, recusando-se a cobrar

despesas sob o argumento de que não poderia "lucrar com o sofrimento de alguém", entre outras manifestações de bondade, deram-nos a garantia de que não estávamos sós. O Senhor estava conosco; e dava provas disso usando também simpáticos cristãos não adventistas. O maravilhoso Senhor não encolheu a Sua mão. Operou poderosa e graciosamente, acompanhando-nos, confortando-nos, abrindo portas, tocando corações.

O mais precioso, porém, é a certeza que a Sua graça nos permite alimentar quanto à salvação da nossa filha. As rápidas revelações mencionadas antes não significam que ela já esteja no Céu. A Bíblia não ensina assim. Mas nos asseguram que, pela graça de Deus, na gloriosa manhã da ressurreição, ela estará entre os que responderão à chamada do Salvador.

Humanos que somos, minha esposa Nilza, meu filho Nilton e eu bebemos o amargo cálice de uma saudade para cujas intensidade e extensão não existem palavras descritivas. O vazio somente é preenchido pelo apego às promessas da Palavra de Deus: "Preciosa é aos olhos do Senhor a morte dos Seus santos" (Sal. 116:15). "Ao anoitecer, pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã" (Sal. 30:5). Esperamos com muita ansiedade o raiar dessa manhã gloriosa. Enquanto isso, louvaremos a Deus. "Sua benignidade é grande para conosco e a verdade do Senhor é para sempre." (Sal. 117). Enquanto vivermos, cantaremos e falaremos do Seu amor e da Sua bondade para conosco.

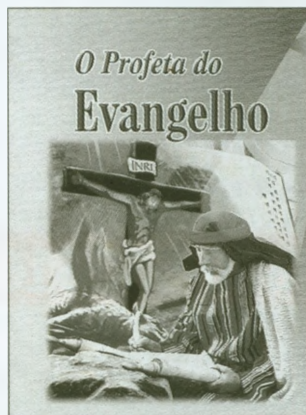
Alini sempre Lhe pertenceu. Em Sua bondade, permitiu-nos tê-la conosco por 20 anos. Agora, guardou-a para Si. Muito breve nós a teremos de novo. "Bendito seja o nome do Senhor." – *Aliomar Moura e Araújo, pastor na Associação Bahia* ☆



**A VERDADE SOBRE OS ANJOS** – Ellen G. White, Casa Publicadora Brasileira, Caixa Postal 34, 18270-000 Tatuí, SP: 302 páginas.

Quem são os anjos? Porventura são espíritos dos mortos? São amistosos ou hostis? Podem eles comunicar-se conosco? As

respostas apresentadas neste livro não são fruto de especulação ou imaginação humana. São informações inspiradas, alicerçadas na Palavra de Deus, e não apenas estabelecem a verdade sobre os anjos, mas conduzirão o leitor a uma experiência espiritual mais profunda.



**O PROFETA DO EVANGELHO** – Siegfried J. Schwantes, União Central-Brasileira, Caixa Postal 101, 13160-000 Artur Nogueira, SP, 180 páginas.

O livro do profeta Isaías é um dos mais preciosos tesouros literários legados pela inspiração. Suas descrições do Messias vin-

douro são de uma sublimidade inigualável. Seus apelos à salvação, gratuitamente oferecida àqueles que crêem, são tocantes. Em suas páginas, a redenção final do povo de Deus assume proporções tais que fazem rejubilar a própria natureza. Os vários oráculos e seções desse livro profético tornam-se mais vívidos e compreensíveis com o auxílio do presente comentário. Escrito em estilo claro, elegante e acessível, esta obra caracteriza-se por acurada fidelidade ao texto bíblico, que é exposto à luz do contexto histórico da época e do cumprimento profético posterior.

O Dr. Siegfried S. Schwantes, Ph.D. em Antigo Testamento, é um dos eruditos brasileiros de maior projeção internacional.

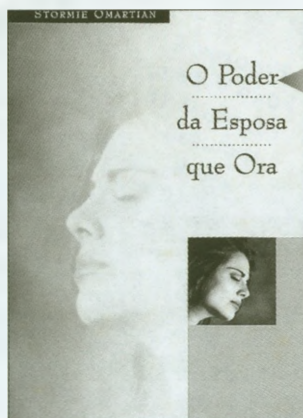


**CRISES NA IGREJA APOSTÓLICA E NA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA** – Luiz Nunes, Centro Universitário do Instituto Adventista de Ensino, Caixa Postal 11, 13165-000 Engenheiro Coelho, SP, 187 páginas.

O cristianismo enfrentou inúmeras crises ao longo de sua história. Já no período apostólico, os líderes da emergente Igreja

tiveram de responder a várias controvérsias e distorções da mensagem bíblica, que ameaçavam o cumprimento da missão. Crises semelhantes também tentaram inibir a Igreja Adventista do Sétimo Dia no cumprimento de sua missão. Essas crises certamente se intensificarão, à medida que nos aproximamos do desfecho do grande conflito entre o bem e o mal.

A leitura e o estudo deste livro (tese doutoral do Pastor Luiz Nunes) é indispensável a todos os líderes, pastores e obreiros voluntários. Na verdade, esta obra deveria se transformar em uma fonte de pesquisa no processo de detectar e corrigir crises já existentes e de prevenir as futuras.



**O PODER DA ESPOSA QUE ORA** – Stormie Omartian, Editora Mundo Cristão, Caixa Postal 21.257, 04602-970 São Paulo, SP, 191 páginas.

Lares são destruídos porque os cônjuges acreditam que tudo já foi tentado e que não vale mais a pena investir no casamento. Se essas situações refletem a vida de alguém do seu círculo, como pastor, professor ou líder voluntário, aqui está uma excelente ajuda. Através de exemplos de relacionamentos que apresentavam os mais diversos tipos de problemas, Stormie Omartian mostra como Deus pode mudar uma situação aparentemente irremediável, mediante a oração constante e perseverante da esposa.

# Chegou o CD-ROM do século!



No ano de seu Centenário, a Casa está lançando o CD-ROM com os 51 livros de Ellen G. White publicados em português. Agora, vai ficar muito mais fácil e rápido pesquisar o Espírito de Profecia. Sem dúvida, este era o lançamento mais aguardado nos últimos tempos!

**Peça já o seu!**

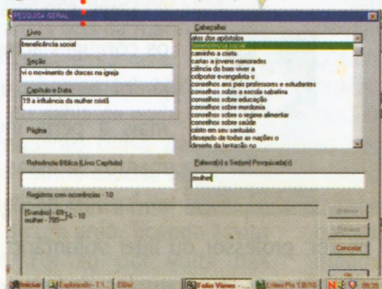
Ligue grátis

**0800-552616**

para fazer seu pedido

Você pode fazer busca de assuntos por palavras ou combinações de palavras, acrescentar anotações, marcar

páginas, destacar partes do texto, imprimir e exportar parágrafos.



6 trechos de documentários em vídeo sobre a vida e obra de Ellen G. White.



Fundo musical com os 5 hinos preferidos desta escritora inspirada por Deus.



**CASA PUBLICADORA BRASILEIRA**

Caixa Postal 34 - Tatuí, SP - CEP 18270-970 - Tel.: (0\_\_15) 250-8800 - Fax: (0\_\_15) 250-8900 - <http://www.cpb.com.br>

